

Janeiro a Março de 1911

---

**BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO**

DOS

**ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES**

---

(Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, fundada em 1863)

---

**O Mosteiro da Sub-Serra da Castanheira**

---

**Ligeiras notas sobre a sua fundação, inscrições tumulares. Pormenores historicos, considerações criticas.**

Num dos pontos mais pittorescos da formosa Castanheira do Riba-Tejo ergueu a piedade dum fidalgo portuguez, no alvorecer do seculo xvi, um gracioso mosteiro de freiras, menos opulento, é certo, que um outro de frades que já contava os seus cem annos em tal epocha, devido igualmente á religiosidade dum membro da mesma familia, que era a dos Athaides; mas talvez, pela menor grandiosidade, mais solemne no seu desalinho, verdadeiramente christão. Anda a fundação delle envolta nessa habitual lenda, que mais ou menos circumda as obras em que o espirito religioso penetra. Não nos admiraremos, portanto, se nos disserem que, a D. Fernando de Athayde appareceu em certo dia, no local onde devia de se erguer o edificio, uma mulher revestida de auctoridade divina (1) que lhe deixou perceber o contentamento que teria na erecção dum mosteiro nesse ponto. O nosso fidalgo defendeu-se como pode.

---

(1) Fr. Fernando da Soledade — Historia Serafico-Chronologica da Ordem de S. Francisco. — Tomo IV, pag. 113.

— Embora os chronistas o não queiram, a sua fé catholica não era tão arreigada que cedesse assim a simples palavras. Por aqui ficou a apparição até que d'outra vez se lhe deparou no mesmo sitio uma freira de habito pardo que instou mais pormenorizada-mente pela edificação conventual. Não havia remedio. Sacudido pela crença que o animava, metteu mãos á obra, no que foi denodadamente secundado por sua mulher D. Leonor, filha do Barão do Alvito, D. Diogo.



Vista geral da villa da Castanheira (Riba-Tejo)

Até aqui a lenda! Agora a historia.

A filha do Barão do Alvito supplicou do Papa, que então era Leão X, a graça de lhe ser permittida a construcção do edificio, o que foi concedido por uma bulla de 15 de Agosto de 1520, <sup>(1)</sup> prescrevendo as seguintes condições. Serem *sómente doze as freiras*, governadas *por uma com a cathegoria de Ministra*. Que a *Ordem professada fosse a de S. Francisco*, devendo o local do

(1) Historia Serafica.

levantamento da casa religiosa ser no districto da parochia de Santa Maria de Povos com a designação de Santa Maria da Sob-serra «*Oratorium Sanctæ Mariæ de Soeserra*».

D. Leonor não esperou pela auctorisação papal, que quando veio, encontrou já em grande adiantamento os alicerces. Não quiz o destino que D. Fernando de Athayde assistisse ao complemento da sua empreza; a morte surpreendeu-o a meio della atirando-o para o esquecimento no decorrer de 1525. Com os cabedaes do tio de seu marido, o Conde da Castanheira D. Antonio; não des-falleceu na fidalga o ardor com que apprehendeu a sua labuta, conseguindo aperfeiçoar os dois côros, um dormitorio e a cêrca. Era indispensavel a immediata entrada das primeiras religiosas vindas do Salvador de Evora. Dizem os chronistas que ellas eram 4. Soror *Joanna do Salvador*, Ministra, *Mecia da Conceição*, *Branca Baptista* e *Joanna de Jesus*, filha de D. Francisco Lobo, irmão de D. Leonor.

Os melhoramentos iniciados pela fundadora interromperam-se com a morte della em 4 de Novembro de 1541; com todo o incremento foram, porém, continuados pelo 1.º Conde da Castanheira que fez terminar as obras do claustro, dormitorios e officinas. Mandou edificar as casas da portaria e roda e as dos Padres confessores.

Sobre o Mosteiro da Sub-Serra pairava uma atmospheria de severidade e recolhimento, acozando a elle numerosas damas que não duvidaram trocar o fausto dos salões aristocraticos pela solidão claustral. Essa concorrência acentuou-se por tal fórma que D. Antonio de Athayde viu-se forçado a obter do Ministro Geral Fr. André da Fonseca, licença para que a população da casa religiosa fosse elevada a 33 religiosos e 7 serventes. Isto passava-se no anno 1554. Mais além, no de 1590 o numero de religiosas subiu a 40.

E para que se não dissesse que os 1.ºs Condes da Castanheira atiravam para o claustro sombrio, pessoas alheias á sua familia, professaram nelle 4 filhas suas, e duas mais, foram noviças. Uma das professoras havia sido no seculo, mulher de João Mendes de Vasconcellos, morgado do Esporão e a outra casou com o 3.º Conde da Vidigueira D. Vasco da Gama. Das noviças, D. Joanna de Athayde foi Condessa da Atalaia.

Consideravel foi, ainda mais, o numero das netas do Conde D. Antonio, internadas na Sub-Serra.

Não é muito que digámos, já o deveríamos ter feito, alguma coisa acerca do 1.º Conde da Castanheira.

O Condado da Castanheira foi-lhe dado por D. João III por carta passada em Setubal a 1 de Maio de 1532 (1) sendo já senhor desta villa e das de Povos e Chelleiros (2) que lhe pertenciam por seu pae, D. Alvaro de Athayde; o mesmo rei fel-o veador da sua Fazenda (3) e deu-lhe a administração do Hospital da Castanheira. (4)

O 1.º Senhor da Castanheira foi Gonsalo Vasques de Mello por carta do rei D. João I. (5) Por sua morte succedeu-lhe seu filho do mesmo nome, de quem passou para Martins Vasques que morreu sem geração, herdando a casa, seu irmão Pedro Vasques de Mello a 24 de Janeiro de 1429. (6) Este fidalgo estava ainda de posse da Castanheira, Povos e Chelleiros a 20 de Junho de 1450 em cuja data, por carta feita em Evora, o rei D. Affonso V a pedido do mesmo Pedro Vasques (7) elevou o logar da Castanheira á cathegoria de villa, o qual até essa epocha dependia da de Povos. Pedro Vasques foi o 1.º Conde de Atalaia, por mercê de D. Affonso V em 21 de Dezembro de 1466. (8)

O Senhorio da verdejante villa ribatejana foi caminhando de geração em geração, vindo parar a D. Alvaro de Athayde que o teve por sua mulher D. Leonor de Mello. D. Alvaro de Athayde com seu filho D. Pedro foram implicados na conspiração dirigida pelo Duque de Vizeu, de que a historia nos falla. O bom nome dos Athaydes, abalado por estes factos, retomou o seu primitivo esplendor em virtude duma carta mandada passar por el-rei D. Manuel (9) a D. Fernando de Athayde, *(que era nem mais nem*

(1) D. João III, Doações — liv. 16, fls. 53.

(2) " " — " 36, " 2 e 3 vs.

(3) " " — " 42, " 94.

(4) " " — " 24, " 60.

(5) Vidé — Documentos.

(6) D. João I, Doações, liv. 1, fls. 114.

(7) Extremadura — liv. 9, fls. 293 vs.

(8) Misticos — liv. 3, fls. 276.

(9) " — " 1, " 5 vs.

menos que o fundador do Mosteiro da Sub-Serra) respectivamente filho e neto dos conspiradores; carta feita em Torres Vedras a 27 de Agosto de 1496, na qual lhe são restituídas todas as honras e prerogativas inherentes á sua nobreza, a despeito das sentenças dadas a seu pae e avô.

Teve D. Fernando varias mercês, herdando de seu avô D. Alvaro as terras e rendas da corôa <sup>(1)</sup> que haviam sido do Conde de Atalaia, Pedro Vasques de Mello, de quem já atraz fallamos. Por este facto levantaram-se complicações entre avô e neto que



Aspecto das ruínas do Mosteiro

só podia possuir esses bens, satisfeitas certas clausulas; como a de casar com pessoa da sympathia de D. Alvaro de Athayde. Este, porém, não via com bons olhos o enlace de D. Fernando com D. Leonor, filha do Barão de Alvito, pretendendo oppôr-se a que seu neto gosasse os bens; no que o rei não concordou, achando que o casamento era de utilidade para ambos, e confirmando a successão dos alludidos bens. <sup>(2)</sup> Por carta de 5 de Maio de 1509 <sup>(3)</sup>

(1) Extremadura — liv. 2, fls. 92.

(2) » — » 2, » 92.

(3) » — » 13, » 23.

teve D. Fernando os padroados das Igrejas de Santa Maria de Chelleiros e Santa Maria de Bucellas, como successor e herdeiro de Gonsalo Vaz de Mello. O mesmo monarcha lhe deu metade da fazenda, que fôra dum *negro forro*, morador na Castanheira, chamado Francisco Lourenço (1), sendo a outra metade concedida aos captivos, como era costume da epoca.

A mãe de D. Fernando de Athayde era D. Filippa de Abreu, filha de Gonsalo Vaz de Castello-Branco, Senhor de Villa Nova de Portimão. (2)

Diremos ainda que D. Leonor de Noronha, mulher de D. Fernando, era filha de D. Diogo Lobo, vedor da Fazenda (3) e de sua primeira mulher D. Joanna de Noronha.

.....

Creio ter dito o bastante sobre o padroeiro do convento da Sub-Serra. Não foi a sua existencia tão dilatada que dê margem a que o escopro da critica escarpellise o seu character ou a sua mentalidade. Não se dirá o mesmo do seu continuador e tio o 1.º Conde da Castanheira. Fr. Fernando da Soledade diz (4) que era *um verdadeiro emblema da sinceridade, amigo de fazer bem e honrar a todos. Ninguem buscava o seu patrocínio que não sahisse muito satisfeito da sua presença; nem elle se contentava com a prerogativa de nunca dizer a palavra «não», e da mesma sorte de proferir a affirmativa «sim» se este «sim» não fosse dobrado e muitas vezes repetido.* Assim nos falla o chronista de S. Francisco. Em contraste Lourenço Huet no seu Nobiliario (5) ao tratar de D. Antonio de Athayde diz, referindo-se á sua intimidade com D. João III, *«privou muito com o sobredito rei mas foi aborrecido de todos porque fez mal a muita gente».* Era bem um homem do seu tempo. Valido do rei que nos presenteou com a inquisição, outra não podia ser a sua attitude. Exaggeradamente religioso, estava no emtanto muito distante de ser um temperamento leal.

(1) Extremadura — » v. » 22 vs.

(2) Guadiana — liv. 4, fls. 191.

(3) D. Manuel, Doações — liv. 26, fls. 105 vs.

(4) Historia Serafica — pag. 123 do lomo IV.

(5) Torre do Tombo —  $\frac{21}{F}$   
25

Era este o typo característico dos apóstolos da inquisição. Commettiam os erros que a sua imaginação lhes inspirava, mas prostravam-se perante os altares, manifestando o seu arrependimento. Caridosos por snobismo (*ainda hoje ha muita gente assim*) escondiam no seu intimo a semente da perversão e do odio! Devia ser assim o nosso Conde, que, como ainda nos affirma o chronista citado «*quando entrava n'alguma egreja ajoelhava tres vezes; uma no meio, outra no cruzeiro e a terceira na capella-mór, onde orava com muita devoção e humildade chorando e pedindo perdão de seus defeitos*».

Não quero precipitar-me no julgamento deste homem, bastando-me para isso a opinião de quem delle tratou. Não podemos dar credito á maioria dos auctores antigos, que eram, por assim dizer, feudos dos grandes senhores a quem lisongeavam, não fugindo, é certo, a uma apreciação desagradavel, quando essas *cari-cias biographicas* não produziam o natural effeito a que elles aspiravam. Além disto, pouco importa ao estudioso, que se interesse pelo assumpto que me propuz tratar, se o fundador dum dos dois conventos da Castanheira seria um bom ou mau character. A sua preocupação, é assignalar-lhe a existencia (nem podia deixar de o fazer), trazendo a lume o que mais ou menos se possa relacionar com elle e que tenha, evidentemente, motivos de comprovação. Tanto basta. Cabe, aqui, portanto dizer que o Conde, por quem D. João III tinha grande predilecção, recebeu grandes provas dessa estima, sendo pelo monarcha contemplado com abundantes mercês. Foi commendador de S. Miguel de Angueira (1), védor da fazenda real (2), senhor das ilhas de Taparica e Tamarandiva (3), alcaide-mór de Alegrete (4) e outras terras.

O accettazione que o Conde da Castanheira tinha junto do rei piedoso, fez com que este tivesse um entranhado desvelo pelo mosteiro, visitando-o varias vezes e informando-se cuidadósamente do estado de progresso em que as obras delle iam caminhando (5).

---

(1) D. João III, Doações — liv. 3o, fls. 171.

(2) " " — " 42, " 94.

(3) " " — " 59, " 217.

(4) " " — " 16, " 63.

(5) Historia Serafica.

Afinal, a 7 de Outubro de 1563, morreu o Conde, que ultimamente se havia retirado do bulício da côrte, contando a idade de 63 annos (1). Foi sepultado no convento de Santo Antonio da Castanheira, de que hoje nem sequer existem ruínas, em sepultura rasa, a meio da capella-mór; mais tarde seu filho D. Jorge, Bispo que fôra, de Vizeu, levantou a seu pae na mesma capella sepultura condigna, o que igualmente fez a sua mãe D. Anna de Tavora, ficando o tumulo do Conde do lado do Evangelho e o de sua mulher á parte da Epistola — com as seguintes inscripções: (2)

Antonio de Ataide primo Comiti de Castanheira | Alvari de Ataide & Violantis de Tavora filio á | Joanne Tertio Rege prudentissimo ob integritatem | pietatem prudentiam animi moderationem inter cœ | teros Regni Primates maximi habito & in magnam | curarum partem ascito Regni negotiis supremis que | muneribus (post Regio obitum) spont abdicato cer | tiore consilio prope hoc Cœnobium manenti ut se to | tum reliquo vitæ tempore Deo dicaret. Decessit anno | ætatis suæ LXIII. Christi veró CIO.CI.LXIII, VII | die Octobris Georgius Episcop optimo Patri.

Annæ de Tavora comitissæ uxoris Antonii primi | Comitis de Castanheira filiæ Alvari Pires de Tavora Principis familiæ de Tavora & Joannæ Sylva | omnium virtutum genere maxima-que charitate in | pauperes præstanti quæ post conjugis mortem ad | Cœnobium Monialium Beatæ Mariæ de Castanheira se | recepit ubi orationi & contemplationi perpetuó | vacans & facultates suas in opera pia pauperum | que usus distribuens tandem ad æternam vitam trans | lata est die II Decembris anni CIO.C.IXC. ætatis | suce LXXXV. Georgius Episcop. optimæ Matri.

A condessa viuva ainda sobreviveu vinte e sete annos ao marido, e apezar da manifesta vontade de permanecer *até ao dia de juízo* (3) no seu Mosteiro, foram trasladados seus ossos para junto dos de seu consorte.

(Continúa.)

NOGUEIRA DE BRITO.

(1) Historia Serafica.

(2) » » — Martinho do Amor de Deus. — Chronica da Provincia de Santo Antonio. Tomo I, pag. 135.

(3) Historica Serafica.

# FEITOS D'ARMAS

(Continuado da pag. 201)

DOCUMENTO VI

20 de Janeiro de 1676

M.<sup>el</sup> do Porto Morato, etc.

Certifico que na Armada, que este anno de mil e seiscentos e setenta e cinco sahio desta cidade de Lisboa em trinta de julho e se recolheo em onze de outubro do d.<sup>o</sup> anno a cargo do general della Pedro Jacques de Mag.<sup>es</sup> Visconde da fonte Arcada, me embarquei com a minha companhia de guarnição na Capitania *Nossa Senhora da Conceição*, de que era capitam de mar e guerra Alvaro Dias Gomes, correndo-se a costa asim de Portugal e Algarve como no mar Mediterraneo e a de Espanha e de Berberia, dando caça a todo o navio que encontremos, fazendo-se dar á costa em Argel a hums navios de turquos; e nesta ocazião me acompanhou Gaspar Pinto, sold.<sup>o</sup> da minha companhia, procedendo em tudo como honrado soldado; Pello que he merecedor de toda a honra e mercê q.<sup>e</sup> Sua Alteza fôr servido fazer-lhe. Passa o referido na verdade pello juramento dos santos evangelhos e por me pedir a prezente a mandey passar e asinei, e selada com o signete de minhas armas. Lisboa hoje 20 de janeiro de 1676 annos.

(a) Alvaro Gomes — Manoel do Porto Morato.

DOCUMENTO VII

17 de Dezembro de 1676

Antonio Roiz de Matos capp.<sup>am</sup> de Infantaria do Regimento de S. A. de q.<sup>e</sup> he tenente coronel o conde de São Vicente, Miguel Carlos de Tavora, etc.

Certifico q.<sup>e</sup> embarcando-me de guarnição cõ a minha comp.<sup>a</sup> em cinco de julho deste prez.<sup>te</sup> anno de seiscentos e setenta e seis, em a Capitania Real a Snr.<sup>a</sup> da Conceição, de q.<sup>e</sup> hera capp.<sup>am</sup> de Mar e guerra Alvaro Dias Gomes sahimos com a mais armada

ás hordens do g.<sup>al</sup> della Visconde de fonte Arcada Pedro Jacques de Magalhães, a correr a costa, no qual exercicio gastamos alguns dias e d'ahy fomos á boca do estreito de Gibraltar p.<sup>a</sup> asim fazermos hostilidades aos mouros, aos quais demos por varias vezes caça e ah y se lhe tomou huã preza q.<sup>e</sup> levavão rendida e tornando p.<sup>a</sup> a nosa costa nos recolhemos a este porto em vinte e nove de setem.<sup>o</sup> do d.<sup>o</sup> anno; nesta ocazião se embarcou comigo Gp.<sup>ar</sup> Pinto, soldado da Comp.<sup>a</sup> do capp.<sup>am</sup> Manoel do Porto Morato q.<sup>e</sup> o he do d.<sup>o</sup> Regim.<sup>to</sup> o qual foi de ramo cõ a Comp.<sup>a</sup> q.<sup>e</sup> governava o Alferes Franc.<sup>co</sup> de Araujo. E procedendo sempre como honrado soldado, não faltando ás obrigaçõens q.<sup>e</sup> lhe tocavão, pello q.<sup>e</sup> o julgo merecedor de toda a honra e m.<sup>cc</sup> que S. A. fôr servido fazer-lhe. Todo o referido pasa na verdade, pello juramento dos S.<sup>tos</sup> evangelhos e por me pedir a prez.<sup>te</sup> lha pasei por mi assignada e sellada com o sinette de minhas armas. Lisboa dezasete de dezembro de 1676 annos. (a a) Alvaro Dias Gomes. — Ant.<sup>o</sup> Rodrigues de Mattos (*sello em branco.*)

## DOCUMENTO VIII

22 de Novembro de 1677

Manuel do Porto Morato, cavalr.<sup>o</sup> profeso da ordê de Xpõ, Capp.<sup>am</sup> de Infantaria do Regim.<sup>to</sup> de S. A. de q.<sup>e</sup> he Tenente Coronel o Conde de São Vic.<sup>te</sup> Miguel Carlos de Tavora, etc.

Certifico que embarcando me cõ a minha comp.<sup>a</sup> de guarnição em a fragata S. Boa Ventura, q.<sup>e</sup> o M.<sup>e</sup> de Campo João Furtado de M.<sup>sa</sup> hia governando, huã das da Armada Real q.<sup>e</sup> este anno de seiscentos e setenta e sete sahio ás ordens do Visconde de fonte-arcada, Pedro Jacques de Magalhaens, General della, E sahindo pella Barra fóra em trinta e hũ do mez de Julho do d.<sup>o</sup> anno, fomos correndo a costa de Portugal e Espanha athé q.<sup>e</sup> chegamos á Bahia de Cadix, donde sahirão tres fragatas espanhois, as quaes se incorporarão cõ a nossa armada e cõ ellas entramos em o estreito de Gibraltar e fomos comboiando athé á cidade de Malaga donde sahirão mais duas fragatas castelhanas q.<sup>e</sup> todas levavão muniçõis p.<sup>a</sup> se meterẽ de socorro em a praça de Orão e

chegando em vinte e sete de Agosto á d.<sup>ta</sup> praça se recolherão logo da Barra p.<sup>a</sup> dentro os ditos navios e ficãdo nós de fóra em hum e outro bordo alguns dias nos foi preciso arribarmos á dita cidade de Malaga, e o rigor do tempo de q.<sup>e</sup> recebemos algũ dãno e cõseguindo o D.<sup>o</sup> G.<sup>al</sup> tornarmos p.<sup>a</sup> as ditas partes de Oram numqua podê ter efeito pello tempo nos ser contrario e vendo o d.<sup>o</sup> G.<sup>al</sup> o não podia conseguir se fez na volta de soeste dando e reconhecendo todos os navios q.<sup>e</sup> avistamos. E neste exercicio viemos athé q.<sup>e</sup> chegamos á Bahia de Cascaes, onde demos fundo e com ordem do d.<sup>o</sup> Gen.<sup>al</sup> nos recolhemos p.<sup>a</sup> esta cidade de Lx.<sup>a</sup>; nesta ocazião se embarcou comigo G.<sup>ar</sup> Pinto soldado da minha comp.<sup>a</sup> e em tudo procedeo com m.<sup>ta</sup> satisfação acudindo a todas as fainas maritimas e a tudo o mais q.<sup>e</sup> lhe foi ordenado com grande zelo do Real Serv.<sup>o</sup> como honrado soldado pello q.<sup>e</sup> he merecedor de toda a honrra e m.<sup>ca</sup> que S. A. for servido fazer-lhe.

Passa o referido na verdade pello juram.<sup>to</sup> dos santos evangelhos e por me pedir a prez.<sup>te</sup> lha pasei por mim assignada e sellada com o signette de minhas armas. Lx.<sup>a</sup> 22 de Novembro de 1677. (aa) João Furtado de M.<sup>a</sup> — Manoel do Porto Morato.

## DOCUMENTO IX

20 de Dezembro de 1679

Manoel do Porto Morato, etc., como acima.

Certifico que embarcando-me este anno de seiscentos e setenta e nove de guarnição cõ a minha comp.<sup>a</sup> na fragata St.<sup>o</sup> Antonio, q.<sup>e</sup> hia a cargo do cap.<sup>ão</sup> de mar e guerra Alvaro Dias Gomes por así o ordenar S. A. ao g.<sup>al</sup> Pedro Jaques de Mag.<sup>es</sup> a cargo de quẽ estava o governo das tres fragatas q.<sup>e</sup> em vinte e hũ de junho sahirão a correr a costa de Portugal e Castella athé entrar no estreito de Gibaltar p.<sup>a</sup> dentro, aonde andamos por algũ tempo e demos por diversas vezes caça a todas as embarcaçoens q.<sup>e</sup> avistamos e recolhendoños a Gibaltar ordenou o d.<sup>o</sup> g.<sup>al</sup> que viesemos ao Porto de Cadix a cobrar os creditos

q.<sup>e</sup> levava p.<sup>a</sup> as despezas da d.<sup>a</sup> Armada. E feita esta dilig.<sup>a</sup> nos viesemos encorporar cõ elle q.<sup>e</sup> o acharíamos em cabo da Gatta, ou de Pallos onde cruzamos as costas de Espanha e berberia, e apartando-nos dos outros navios, por nos sobrevir hũ tempo rijo, ao amanhecer avistamos hũ navio de turquos q.<sup>e</sup> nos esperou pondo-se em forma de peleja, largando bandeira turqueza, ao qual fomos seguindo e carregando a sevadeira e vella grande para hir pasar á banda e debaixo da fumaça abordalo, se pôs em fugida, e atirãdolhe algũmas peças q.<sup>e</sup> se lhe empregarão, o seguimos por espaço de dez empulhetas, e vendo o m.<sup>to</sup> q.<sup>e</sup> se nos sahia, viemos buscar o mais corpo de armada q.<sup>e</sup> achamos sobre o cabo de Gatta e encorporãdonos cõ elle depois de vir a Gibraltar tornamos a entrar pello estreito dentro e abrigados do tempo arribamos ao Porto . . . . . e daly viemos desêbocar em trinta de outubro ordenãdo o g.<sup>al</sup> ao cap.<sup>am</sup> de mar e guerra fõse a Cadix a comboiar duas setias.

Em todas estas ocazioens me acompanhou G.<sup>par</sup> Pinto soldado da minha comp.<sup>a</sup> mostrandose em todas ellas cõ grande cuidado, valor e zello do real serviço e obedecendo em tudo ás ordens de seus maiores pello q.<sup>e</sup> he merecedor de toda a honra e mercê q.<sup>e</sup> S. A. fôr servido fazer-lhe.

Passa tudo o ariba referido na verd.<sup>e</sup> pello juramento dos Santos avang.<sup>os</sup> E por me pedir a prez.<sup>te</sup> lha pasei por mim asinada e sellada cõ sinette de minhas armas. Dada em Lx.<sup>a</sup> aos 20 de dezembro de 1679 anos. (aa) Alvaro Dias Gomes. — Manuel do Porto Morato.

#### DOCUMENTO X

1.<sup>o</sup> de Julho de 1694

#### Requerimento :

Dis Joanna Pinta, f.<sup>a</sup> legitima de Gaspar Pinto e de Angela da Crus, baptisada na igreja de S. Joseph desta cid.<sup>e</sup> que p.<sup>a</sup> certos requerim.<sup>tos</sup> lhe he necessaria huma certidão do parochio da d.<sup>a</sup> freguezia, porque conste de sua idade.

P.<sup>e</sup> a V. M. lhe faça m.<sup>ce</sup> mandar ao d.<sup>o</sup> Parocho passe a d.<sup>a</sup> certidão do que constar em forma que faça fé.

E. R. M.

*Despacho :*

P. em mão da sup.<sup>te</sup> *Serrão*.

*Certidão :*

Em o p.<sup>ro</sup> de Julho de seiscentos e noventa e quatro annos. Em comprim.<sup>to</sup> do desp.<sup>o</sup> junto do Rev.<sup>do</sup> Vigr.<sup>o</sup> Geral o Dr. João Serrão corri o l.<sup>o</sup> dos baptisados desta freg.<sup>a</sup> de S. Joseph e a fl. 60 v.<sup>o</sup> esta hũ assento o teor do qual he o seg.<sup>e</sup> — Aos vinte de Abril de seiscentos e oitenta e tres annos, baptisei a Joanna f.<sup>a</sup> de de G.<sup>ar</sup> Pinto e sua m.<sup>er</sup> Angela da Cruz, padrinho Ant.<sup>o</sup> Henriques, madrinha Ant.<sup>a</sup> da Costa, Mathias da Silva Cardiga vigr.<sup>o</sup> encomendado. — E não dis mais o dito assento e a elle em tudo me reporto e por verdade pasei a presente em Lx.<sup>a</sup> Era ut supra. (a) O coadjutor Antonio Fernandes Freire.

*Reconhecimento :*

M.<sup>el</sup> do Valle, tab.<sup>am</sup> pub.<sup>o</sup> de notas por S. Mag.<sup>de</sup> nesta côrte e cidade de Lx.<sup>a</sup> Certifico, ser a letra e o sinal acima do coadjutor de São Joseph Ant.<sup>o</sup> Fern.<sup>es</sup> Freire; nelle conteudo. Lx.<sup>a</sup> o pr.<sup>o</sup> de Julho de seiscentos e noventa e quatro. Em test.<sup>o</sup> de verd.<sup>e</sup> — (a) Manuel do Valle.

DOCUMENTO XI

25 de Outubro de 1697

*Requerimento :*

Diz Joanna Pinta, orfam de idade de quatorze annos, que p.<sup>a</sup> serto requerim.<sup>to</sup> q.<sup>e</sup> tem nesta Santa Casa lhe he necessario hũa certidão por q.<sup>e</sup> conste em como seu Pay Gaspar Pinto sol-

dado, que foi do Terso da Armada, falleceu no Hospital Real ha-  
vera nove p.<sup>a</sup> dez annos, pello q.<sup>o</sup>

P. a V. Senhoria e aos maes se-  
nhores lhe faça merçe mandar q.<sup>o</sup> o  
escrivão da Fazenda do ditto Hospital  
lhe passe a dita certidão

E. R. M.

*Despacho :*

Nosso irmão Ant.<sup>o</sup> da Costa Pereira, escrivão da faz.<sup>da</sup> do  
Hospital Real passe a certidão que se pede não havendo impe-  
dim.<sup>to</sup> Em Mesa 25 de out.<sup>o</sup> de 1697.

em ausencia do escrivão

(a) Sancho de Mello da Silva. — Dom Fran.<sup>co</sup> de Sousa.

*Certidão :*

Neste Hospital Real de todos os S.<sup>tos</sup> entrou a curarse Gas-  
par Pinto, soldado do Terso da Armada, o qual veyo vario do  
juizo, casado com uma ramalheira, e entrou em dezanove de Abril  
do anno de 690. E faleceo em vinte e oito de Junho do d.<sup>o</sup> anno  
como consta do livro da enfermaria de São Vic.<sup>te</sup> aonde tem seu  
assento a fl 26 ao qual me reporto. Lx.<sup>a</sup> 8 dezb.<sup>o</sup> de 697. (a) Ant.<sup>o</sup>  
da Costa Per.<sup>a</sup>

DOCUMENTO XII

**6 de Março de 1698**

Luis da Costa lobo, escrivão do Juizo dos orphãos nesta ci-  
dade de Lisboa, na repartição de Santa Justa, por provim.<sup>to</sup> do  
Senado da Camara etc. Aos que a presente certidão virem certi-  
fico que em meu poder e Cartorio está e fica huma petiçam, des-  
pacho e termo de juram.<sup>to</sup>, tudo do theor seguinte :

**Petição**

Dis Marta Correa que por morte de Angella da Crus, viuva  
que ficou de Gaspar Pinto, ficaram duas meninas huua das quaes

tem Recolhido no Recolhimento da Misericordia desta cidade e querendo ora recolher a outra, por nome Joanna Pinta, lhe pedem certidão do inventario que se fez por morte de seus Paes e porque o Pai da dita orphã foi soldado do terso da Armada e veyo a cegar e finalmente veyo a morrer no Hospital por ser muito pobre e miseravel e na mesma forma faleceu a may das ditas orphans, que a enterraram pelo amor de Deus, em rezão do que a suplicante recolheo a sy as ditas orphans e as alimentou athé o prezente á sua custa por lhe não ficar, como tem dito, cousa alguma dos ditos seus pais, de que se pudesse fazer Inventario e as levou para sua casa despidas, sem cousa alguma. Pede a vossa mercê lhe faça mercê mandar que jurando a suplicante o deduzido nesta sua petição, passar na verdade, se lhe passe certidam para a misericordia por qualquer escrivão deste juizo. E recebera mercê.

*Despacho :*

Como pede, Magalhães.

*Termo de juramento :*

Aos seis dias do mez de Março de mil e seiscentos e noventa e oito annos nesta Cid.<sup>e</sup> de Lx.<sup>a</sup> no meu escritorio pareseo a suplicante Marta Correa, a qual eu Dey o juramento dos santos evangelhos sob carga da qual lhe encarreguei que bem e na verdade declarasse se o contheudo nesta sua petição passava na verdade e ella aseitou o d.<sup>o</sup> juramento e declarou que tudo o relatado na dita petição passava na verdade e que Gaspar Pintopay da menor hera soldado do terço da armada e viera a segar e falecera por pobre no hospital Real e que na mesma forma falecera Angela da Cruz sua mai e a enterraram de esmollas e por ver o desamparo em que ficavam duas meninas, as recolhera nuas e despidas para sua casa por serem suas parentas por cuja rezam se não fizera inventario por morte dos ditos seus pais, por lhe não ficar de quê e que as menores huma afilhada sua Joanna Pinta, que terá hoje de idade quatorze annos, e a outra se chama Thereza da Cruz que terá doze annos e está recolhida no Recolhimento da Santa Misericordia, e em tudo se reporta á sua pe-

tiçam por tudo o que nella diz pasar na verdade, o que declarava debaixo do juramento que tinha recebido; de que tudo eu escrivão fiz este auto em que por dizer não sabia escrever assignou a seu rogo Joseph da Silva Pinto, morador nesta rua dos Aledmos. Luiz da Costa Lobo o escrevi. A rogo da sobredita assigno Joseph da Silva Pinto.

Não se contem mais em a sobredita a que me reporto em todo e por todo, e a d.<sup>a</sup> petiçan, desp.<sup>o</sup> e termo de que pasei a presente a requerimento de Martha Corrêa por lhe ser mandada pasar e vai por mim sobrescripta e assignada, feita aos seis dias do mes de março do anno do nascim.<sup>to</sup> de N. S.<sup>or</sup> Jesus Christo de mil e seiscentos e noventa e oito annos. Pagou-se de feito desta certidão cem reis. Luis da Costa Lobo a fiz escrever e assignei. Luis da Costa Lobo.

DODUMENTO XIII

23 de Março de 1698

*Requerimento :*

Diz Joanna Pinta, orfã de 14 annos de idade, filha de Gaspar Pinto, soldado do terço da Armada, da comp.<sup>a</sup> do Cap.<sup>am</sup> G.<sup>par</sup> do Porto Morato e de Angera da Cruz, já defuntos, m.<sup>l</sup> em caza de Martha Corrêa, viuva de Aff.<sup>o</sup> Pr.<sup>a</sup>, em hu Beco do Sexo, ás Portas do Mar, freg.<sup>a</sup> da Sé, que por falecim.<sup>to</sup> dos d.<sup>os</sup> seus Pays lhe não ficarão bens alguns, nem tem outro remedio com q.<sup>e</sup> se amparar, mais q.<sup>e</sup> o q.<sup>e</sup> espera da Piedade desta Santa Caza; Pelo que

P.<sup>e</sup> a V. S.<sup>a</sup> e mais Srs. da Meza q.<sup>e</sup> informados da sua pobreza e desamparo lhe façan caridade de a recolher em hum lugar do Recolhim.<sup>to</sup> q.<sup>e</sup> fôrem servidos concederlhe p.<sup>a</sup> delle sahir amparada, como costumão as semelhantes orfãas, que não tem outro recurso, e pelos papeis juntos dos serv.<sup>os</sup> do d.<sup>o</sup> seu Pay he incerto. — E. R. M.

*Despacho :*

Nossos Irmãos Off.<sup>es</sup> do Recolhim.<sup>to</sup> recolhão em hum dos lugares vagos da testamentoria de M.<sup>el</sup> Roiz da Costa a supp.<sup>te</sup> Joanna Pinta, observando o cap.<sup>o</sup> do compromisso e Regim.<sup>to</sup> della. Em Meza 23 de março de 1698. (aa) O Conde de Assumar. — Dom Fran.<sup>co</sup> de Sousa. — Ant.<sup>o</sup> Franc. Velho. — M.<sup>el</sup> Pinheiro de Abreu. — Diogo de Andrada Leitão. — Sancho de Mello da Silva. — Manoel da Silva. — Julião Alves de Barros.

### III

## Ricardo Franco

(1801)

Não se trata desta feita de um nome obscuro. Ricardo Franco de Almeida Serra é nome conhecido na biographia geral dos que, na nossa antiga colonia do Brasil, deixaram registados serviços dignos de nota. Apesar porém do seu nome figurar em livros de biographias, a noticia da sua vida é pouco abundante em pormenores, e os biographos declaram pouco saber a seu respeito. Innocencio registra algumas das suas obras publicadas no Brasil, e o nosso extincto amigo dr. Sousa Viterbo menciona-o, na qualidade de sargento-mór de engenharia, no vol. I do seu *Diccionario dos Architectos*, a pag. 10—12 dando relação de trabalhos cartographicos existentes no *Archivo Militar do Rio* e de *Descrições e Diarios de viagens* publicados no *Patriota* e na *Revista do Instituto*, do Rio de Janeiro.

Dois desses trabalhos, datados de 1786 e 1787, publicados no *Patriota*, referem-se a reconhecimentos geographicos no rio Paraguay até ao Presidio Nova Coimbra. Ora ácerca de feitos heróicos e memoraveis de Ricardo Franco neste forte Coimbra, que o illustre engenheiro commandou, chegaram-me ás mãos noticias curiosas que teem todo o cabimento nesta serie de desprezenciosos apontamentos, que mui casualmente fui levado a colligir, relativos a *Feitos d'armas* portuguezes.

Proporcionou me esta curiosa informação o meu excellente e

illustrado amigo Luis Fernandes, enviando-me um numero do *Diario de Noticias* da Bahia, no qual ha marcado a lapis, um artigo, que é o VII, dos *Aspectos de viagem do Rio a Matto Grosso*, pelo dr. Joaquim Tanajura. O artigo é datado de 22-4-1909, de bordo do *Javary*. Descreve as bellezas da viagem pelo rio Paraguay, e chega ao forte de Coimbra, ácerca do qual dá a respeito dos feitos de armas de Ricardo Franco, a que alludi, as seguintes curiosas informações que me limito a transcrever, nada tendo que accrescentar-lhe mais do que pequenas notas bibliographicas.

Eis a noticia :

«Após, descansa o Forte Coimbra, celebre por sua Gruta do Inferno, que lhe está á distancia de dois kilometros e pelos feitos historicos de Ricardo Franco, tenente-coronel de engenheiros, que prestou innumerados e reaes serviços a Matto-Grosso, e do tenente-coronel Porto Carrero, na defesa offerecida, o primeiro contra o ataque feito pelos hespanhoes em 1801 e o segundo aos paraguayos em 1864.

«Sendo de importancia historica esses feitos, que jámais serão esquecidos pelos brasileiros, transcrevo aqui do excellente livro do dr. João Severiano da Fonseca—«Viagem ao redor do Brasil», (1) os trechos que a elles se referem.

«Em 1801 commandava Coimbra o já tão benemerito Ricardo Franco, que, ás suas glorias de sabio e infatigavel engenheiro soube ainda juntar as do heroismo na guerra. Seus commandados, apenas em numero de 42, estavam na razão de 1 para 15 assaltantes. Inesperadamente, a 16 de Setembro, apresenta-se á vista de Coimbra a frota hespanhola, e, apezar do fogo de artilharia do forte, operou o desembarque, mandando no dia seguinte o general um parlamentario a Ricardo Franco, com a arrogante intimação de capitular, dentro do prazo de uma hora. O commandante que, entretanto, não estava bem precavido para o assalto, respondeu-lhe, como era de esperar de um varão do seu esforço.

---

(1) Este livro figurou na *Exposição de Historia do Brasil*, de 1881, e vem descrito no respectivo catalogo, publicado pelos *Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro*, sob o n.º 1344, a pag. 1270.

«Eis a intimação e a resposta :

«A' bordo de la goleta Nuestra Señora del Carmen, 17 Setiembre 1801.

«Ayer á la tarde tube el honor de contestar el fuego que V. S. hizo de ese fuerte; y habiendo reconocido que las fuerzas con que voy inmediatamente á atacarlo son mui superiores á las de V. S., no puedo menos de vaticinarle el ultimo infortunio; pero, como los vassallos de S. M. catolica saben respetar las leys de la humanidad, aún en medio de la guerra, portanto pido á V. S. se rinda á las armas del rey mi amo, pues de lo contrario, á cannon y á espada, decidiré de la suerte de Coimbra, sufriendo su desgraciada guarnicion todas las extremidades de la guerra, de cuyos estragos se verá libre V. S. se conueniere con mi propuesta, contestandome categoricamente esta en el termino de una hora.  
— *D. Lazaro de Ribera.*»

Forte de Coimbra 17 de Setembro de 1801.

«Tenho a honra de responder a V. Exa. cathegoricamente, que a desigualdade de forças foi sempre um elemento que muito animou os portuguezes á não desamparar o seu posto e defendel-o até a ultima extremidade, á repellir o inimigo e sepultar-se de baixo das ruinas do forte que lhes foi confiado.

«Nesta resolução está toda a gente deste presidio, que tem a distincta honra de vêr em frente á excelsa pessoa de V. Exa. a quem Deus guarde. — *Ricardo Franco de Almeida Serra.*»

«D. Lazaro tentou ainda a tomada da fortaleza por tempo de oito dias, mas no nono desistiu do intento, abandonou a empreza e voltou a Assumpção.»

Até aqui a curiosa addenda biographica ao pouco que se conhece da vida do illustre engenheiro, e como se vê valente heroe d'armas, do Brasil colonial.

Não posso resistir porém, a transcrever ainda o resto do artigo, referente a outro feito de armas praticado no mesmo forte Coimbra em 1864 pelo official brasileiro Hermenegildo de Albuquerque Portocarreiro, digno continuador, nos tempos do Brasil

independente, das façanhas valorosas dos portuguezes e brasileiros dos tempos coloniaes. Assim continua o articulista que estou transcrevendo :

«A segunda foi o ataque de 27 de Dezembro de 1864. Ao romper do dia as sentinellas do forte descobriram, tambem, inesperadamente, uma esquadra, fundeada uma legoa abaixo. Eram cinco vapores, tres maiores de vela e duas chatas. Compunha-se a força de ataque dos batalhões 6, 7, 10, 27 e 30 de infantaria, duas baterias de artilharia com 12 canhões raiados, uma bateria de foguetes de guerra e dois regimentos de cavallaria desmontados. Commandava em chefe o coronel Vicente Barros.

«A guarnição do forte compunha-se de 155 praças do corpo de artilharia da provincia, e mais 10 indios cadioéos com seu cacique Lixagates. Commandava o forte o sr. tenente-coronel Hermenegildo de Albuquerque Porto Carrero, chefe daquelle corpo de artilharia.

«A's 8 1/2 da manhã, Barrios mandou um parlamentar, com a intimação para render-se o forte, tambem no praso de uma hora. A resposta do sr. Porto Carrero foi em tudo digna de si e do heroico renome e reminiscencias do forte que commandava.

«Eil-as :

«Viva la Republica del Paraguay. A' bordo del vapor de guerra paraguay *Iguarey*, el 27 diciembre 1864.

«El coronel commandante de la division de operaciones en el Alto Paraguay, en virtud de ordenes expresas de su gobierno, vem á tomar posesion del fuerte bajo su comando; y queriendo dar una prueba de moderacion y humanidad, intima Vd. para que dentro de una hora se lo entregue, pues en contrario, espirado ese plaso, pasará á tomarlo á viva fuerza, quedando-se la guarnicion sujeta á las leys del caso. Mientras espera su contestacion, es de Vd. attento servidor. — *Vicente Barrios*.

«Al señor commandante del fuerte Coimbra».

«Districto militar do Baixo Paraguay, no forte de Coimbra, 27 de Dezembro de 1864.

«O tenente-coronel commandante deste districto militar, abaixo

assignado, respondendo á nota enviada pelo sr. coronel Vicente Barrios, commandante da divisão de operações do Alto Paraguay, recebida ás 8  $\frac{1}{2}$  da manhã, na qual lhe declara que, em virtude de ordens expressas do seu governo, vem occupar esta fortaleza; e que, querendo dar uma prova de moderação e humanidade, o intima para que se entregue dentro do praso de uma hora, e que, caso o não faça, passará á tomal-a a viva força, ficando a sua guarnição sujeita ás leis do caso; — tem a honra de declarar que, segundo os regulamentos e ordens que regem o exercito brasileiro, á não ser por ordem da autoridade superior, a quem transmite neste momento copia da nota a que responde, só pela sorte e honra das armas a entregará; assegurando á S. S. que os mesmos sentimentos de moderação que S. S. nutre, tambem nutre o abaixo assignado.

«Pelo que o mesmo commandante, abaixo assignado, fica aguardando as deliberações de S. S., á quem Deus guarde. — *Hermenegildo de Albuquerque Porto Carrero*, tenente-coronel. (1) Ao sr. coronel Vicente Barrios, commandante da divisão em operações no alto Paraguay».

«A's 9  $\frac{1}{2}$  começou o inimigo o desembarque de suas tropas, e pelas 2 da tarde começou o ataque, com uma força de 3.000 homens de infantaria, secundada pelo fogo das baterias raiadas e de quatro canhões de 32 nas chatas, que vieram collocar-se em posição favoravel a bater o forte.

«Mais ainda que o de 1801 foi traçoero e inopinado este ataque, levados ambos sem declaração prévia de guerra, no meio de plena e longa paz.

«O forte, carecendo de todo o meio de defesa, sustentou o fogo por 48 horas, até que exausto completamente de munições foi abandonado pela guarnição, que partiu sem ser presentida pelo

---

(1) Deste Porto Carrero, figurou na *Exposição de Historia do Brasil* feita pela *Bibliotheca Nacional* do Rio, uma planta dos rios Paraguay e Paraná, levantada por ordem do presidente da Republica do Paraguay, pelos officiaes do exercito brasileiro capitães Hermenegildo de Albuquerque Porto Carrero e tenente João Caldas de Villagram Cabrita, em Julho de 1851, citada no respectivo *Catalogo*, a pag. 170, sob. o n.º 1754.

inimigo, facto incrível pela posição toda descoberta da fortificação, e só explicada pela impericia dos assaltantes, os quaes, suppondo ser uma sortida e receiando um ataque, só tarde comprehendiram o seu engano; e ainda assim não souberam ou não se animaram a perseguil-a.»

«Não pude apreciar o forte de Coimbra, envaedeido dessas glórias, por ter o nosso vapor passado alli, ás 4 horas da manhã.

«Aqui ficam transcriptos os documentos acima alludidos que são de relevancia historica, provando ainda mais o valor, a coragem e abnegação de dois homens estoicos: Ricardo Franco e Porto Carrero.»

Assim termina o artigo VII das *Viagens* do dr. Joaquim Tanajura, inserto no *Diario de Noticias* da Bahia, que o meu illustrado amigo igualmente achou digno de reparo e estudo, obsequiando-me por isso com a sua criteriosa remessa. Aqui ficam igualmente registados na minha pequena galeria, a que dei o titulo de *Feitos de armas*. Julgo que bem faço em incluir aqui esta nota que passaria desconhecida da maioria mesmo daquelles poucos que em Portugal ainda se interessam por estes pequenos episodios da nossa passada historia militar.

A estes numeros II e III da serie, seguir-se-hão talvez outros de que possuo documentos igualmente cheios de noticias interessantes, por ventura elucidativas de duvidas biographicas e historicas. Poucos serão talvez os que se darão ao enfado da sua leitura, mas, se algum unico que seja, nelles encontrar uma referencia inédita, um esclarecimento desejado, dar-me-hei por satisfeito do trabalho sempre custoso das copias e da revisão dos documentos que quasi exclusivamente constituem estas breves noticias.

VICTOR RIBEIRO.

## Dôis inéditos ácêrca das Ilhas do Fayal, Pico, Flôres e Côrvo

Fasêr revivêr o passado, exumá-lo dos vélhos códices e dos arquivos poeirentos, é prasêr que poucos séntem, êsses poucos para quem o presente que só tem incertêsas, falsidades, hipocrisias, injustiças, mentira, aberrações, egoísmos, contradições entre as palávras e os actos, degradação de caráter, tremenda liquidação de tudo quanto até agóra nobilitava ou dignificava a personalidade humana, é um mal necessário, por têrem que nêle existir incompreendidos e mêsmo mal vistos.

Êsse refúgio na história, nos tempos idos, essa convivência com as idades e com os homens que fôram, distraí e desanuvia o espírito das preocupações actuáis.

Mas não só isso.

Um tal estúdo, explicando os antecedentes das circunstâncias mesolójicas, que observâmos e que nos envólvem, móstra-nos a sua evolução e, até certo ponto, entrevê e prepará o futuro.

Fôï pelo conhecimento da sua história que se fês grande a Alemanha modérna.

Esmagáda a Prússia em Iéna, retalhádo o seu território e o ditadôr da Europa, vitoriôso, decretando em Berlin o célebre bloqueio continental, voltáram-se os pensadôres e os que dirijiam aquêle pôvo para a antiguidáde, para o desenvolvimento da instrução e da *educação*, para as oriens históricas, para as tradições e no conhecimento profúndo da nacionalidáde retemperáram fôrças, ganháram alentos, para tirar a desfórra, que não tardou múito.

Leipzig precedeu a capítulação de París e Waterloo feriu mortalmente a águia napoleónica.

Finalmente a vélha Germânia recuperára a consciência dos seus destinos, da sua missão.

\* \*

Um momento também grave, para a nação portuguesa, fôï aquêïe em que viveu Gaspar Frutuôso, natural da cidade de Ponta Delgada, Vigário da Matris paroquial da Vila da Ribeira Grande, Ilha de S. Miguel, onde faleceu em 24 de Agosto de 1591.

Gaspar Frutuôso veiu ao mundo em 1522 (1) isto é, no período áurio de Portugal, quando o Reino do extrêmo ocidente atinjia o apojêu da fôrça, da grandêsa e da fortúna, quando os Reis do Oriente se tornáram seus feudatários, submetidos pelo pulso vigorôso e pela audácia hiper-heróica dos Gâmas, dos Albuquerque e dos Castros, que não admitem confrôntos, porque seria rebáixá-los.

Mas tanta expansão, tão continuádo esfôrço, tão dilatado império, tanta emulação e tantos inimigos criádos, porque as emnências despértam a invêja e desafiam os ódios, enfraquecêram a fôrte jente que ostentou em tôdo o mundo um pavilhão, que pôde deixar de sêr arvorado, que se pôde guardar em musêus, ao abrigo do vento que o ajitou, óvante, em tantos mares e em tantas terras, mas que a história consagrou, e que o verdadeiro patriôta português ha de sempre venerar como a representação do Portugal grande, conquistadôr e colonisadôr, tão sómente dominádo pela fé e gloriôso heroísmo, empunhâdo em uma mão a espáda e em outra a crus, ou seja a civilização europeia.

Para resgatar êrros, que não cometêra, para restaurar a escola de cavalaria, que éram as praças fôrtes de Marrôcos, perdeu a vida, em Alcácer-Kibir, um Rei que seria famôso se o êxito coroaesse a sua tentativa, porque o êxito é tudo.

Em vês de uma corôa imperial a cinjir a fronte do descendente de D. Manuel e de Carlos V, o senhôr de quási tôda a Europa e de metade da América, sepultou-se nos desértos e areáis africânos a pátria independência.

O cêtro passou então para um valetudinário, o único sobre-

---

(1) Coursou a Universidáde de Salamanca de 1553 a 1555 e tomou o gráu de Bacharel em Tiolojía em 9 de Fevereiro de 1558.

vivo dos filhos do Rei D. Manuel I, e duplo príncipe, pôs a Igreja o sagrada Cardial.

A autonomia nacional vái-se perdêr, ao extinguir-se a vida do vólho monárca.

A desunião é cada vês maior entre os portuguezes, porque se dividem as suas simpatias pelos vários pretendentes ao trôno.

Vencerá o mais forte, o mais astuto e esse é Filipe II, o filho do vencedor de Pavia e néto do Rei Afortunado.

A batalha da ponte de Alcantára desfisera os prestijios do Grão-Priôr do Crato, rariando as suas fileiras, desanimando os seus sequazes e obrigando-o a fugir e a homisiar-se.

No estrangeiro, na Inglaterra e na França, desejosas de abatêr o poderío espanhól, o Rei proscrito encontrou apóio decidido.

Nóbres, mercenários e aventureiros alistam-se sôb a sua bandeira.

Nos Açôres fás-se forte o filho do Infânte D. Luís.

A lejitimidade forajida acha asilo nos rochêdos atlânticos, e na cidade de Angra o Rei D. Antonio I tem a sua côrte e nela assentou a capital do seu reino.

Nos mares açóricos trava-se dura peleja.

Duas esquadras formidáveis dispútam o domínio do arquipélago. Dêsse duélo resultará ou o triúfno do Rei lejitimo ou a pêrda da última esperânça da liberdade portuguesa.

Quiseram os fados que D. Álvaro de Bazán, Marquês de Santa Crus, vencêsse Filipe Strózzi.

Agóra domína, sem contendôres, o lião das Espânnhas.

O triunfadôr é implacável.

Nunca fôí mais verdadeiro o grito *væ victis* do que no momento em que a vitória se decide pelo lado de Castéla, corroando o estandarte guáldo e vermelho.

O sangue correu em ondas, com requintês de barbaridades, com inconciência e gôso de feras.

O autôr das «Saudades da Terra» assistio a essa agonia da nação, depôis contemplou-a exangue e assassinada pelas mãos do inimigo e do verdúgo.

Supôs então que conservar a memória dos factos locais era como que prolongar a existência de uma pátria que conhecêra livre e grandiosa.

Tratando do passádo, vivendo nêle, dáva-se a ilusão da não existência do presente; como que o não sentia.

Este culto das tradições consubstanciáva, ainda assim, um protésto de patrióta.

Os vindouros aprenderiam a sêr portuguezes, sabendo que de portuguezes descendíam, ao lêr o paciente e enórme manuscrito (1) que êle legára á posteridade.

Uma parte de tal trabalhó é a que para aquí trasladámos.

\*

\*   \*   \*

Véem hõje a lús pública capítulos das *Saudades da terra*, do Doutor Gaspar Frutuôso, e do *Espêlho Cristalino em jardim de várias flôres*, de Frei Diôgo das Chagas, ambos tratando das Ilhas do Fayal, Pico, Flôres e Côrvo.

O primeiro remonta ao século xvi, escrito máis de cem anos depõis da colonisação das Ilhas Açoriânas e ao século xvii pertence o trabalhó de Frei Diôgo das Chagas, o patriótico provincial dos franciscânos nas mêsmas Ilhas.

Merécem retificações e anotações para que a verdáde e só a verdáde aparêça libérta de lendas, de sombras e de êrros.

Põsto isto, e sem entrar em divagações, como sería biografar Gaspar Frutuôso e Frei Diôgo, o que já está feito no *Arquivo dos Açóres*, seja-nos lícito disêr algo sôbre o mistério do descobrimento dêste arquipélago.

Nem um só documento nos ensina o nôme de quem o achou, nem a época precisa em que portuguezes lá aportássem.

Sería Frei Gonsalo Vêlho Cabral, o temerário hómeme de mar, que, ao acáso ou *sabendo aonde ia*, devassou, no meio do Atlântico, êsses restos da famósa terra que Platão annunciou têr-se submerjido, numa só nôite, nas profundêsas dos abismos, terra cujos guerreiros terçaram armas com os soldados dos Faraós?

---

(1) O manuscrito orijinal existe em podêr do sr. Marquês da Práia e de Monfórte, e que nunca vimos.

Na Bibliotéca do Paço da Ajúda ha dêle uma cópia, aliás imperfeita, de que extraímos os capítulos relativos ás quatro Ilhas que constituem o distrito administrativo da Hórta.

Mudos são os monumentos escritos, até agóra encontrados, relativamente aos primeiros homens que a pisáram.

De pura fantasia é o assêrto do sr. dr. Tiófilo Braga, de que os românos conhecêram os Açôres e de lá extraíam o estânho, que é cousa que êles não possúem!

Mas não é inadmissível que navíos cartajinêses, grêgos e românos ali fôsem levádos por tempestádes.

Se tal succedeu, menção do facto não ficou nos rejistos históricos, e é como se não existísse.

E' certo, porém, figurárem tais Ilhas em portulânios anteriôres, mas muito anteriôres á época que se aponta, como a do descobrimento pelos portugêses, talvês uns oitenta anos.

Desenvolvidamente tratarêmos dêste assúnto quando publicármos os *Materiáis para a história da Ilha do Fayal, a Ilha da Ventura* do mapa catalão anónimo, de 1375.

\*

\*      \*

Fôram sempre de Portugal estas Ilhas?

A crença jeral responde que sim.

Mas no *Glóbo de Nuremberg*, dis Martin Behaim, célebre cosmógrafo do século xv, o confidente de D. João II, e genro do Josse de Hurtere, 1.<sup>o</sup> donatário das Ilhas do Fayal e do Pico :

«As ditas Ilhas (Açôres) fôram colonizadas em 1466, quando o Rei de Portugal as deu, depôis de muitas instâncias, á Duquêsa de Borgonha, de nôme Isabél. Então havia em Flandres grande guêrra e extrêma miséria; e a referida Duquêsa mandou, de Flandres, muita jente, homens e mulhéres, de tôdas as condições e bem assim padres, e tudo quanto convém ao culto relijiôso e além disso navíos carregádos de móveis e de utensílios necessários á cultúra das terras e á construção de casas, e lhes deu, durante dôis anos, tudo de que careciam para subsistir; e para que, no decúrso do tempo, cada pessoa pensásse néla, na ocasião das missas resaria, por sua intenção, uma Ávé-María, as quais pessoas éram em número de 2000, de maneira que, com as que para ali fôram e as que depôis nascêram formáram algúns milháres. Em 1490 havia ali ainda divêrsos milháres de pessoas tanto alemãs

como flamengas, que para lá seguiram com o nóbre cavaleiro Job (aliás Josse) de Hürter (aliás Hurtere), senhôr de Moerkirchen em Flandres, meu querido sôgro, a quem estas Ilhas fôram dadas para êle e seus descendentes pela dita Duquêsa de Borgôonha.

Este donatário que estava em Flandres em 1467, ao serviço da Infanta Dona Isabél de Portugal, Duquêsa de Borgôonha, veio para Portugal; aqui casou com Dôna Biatris de Macêdo, então do séquito da mãe do Rei D. Manuel I e filha de Jerónimo Fernandes. Fixou residência na capitania em 1490 ou pouco depôis.

Viajava bastante entre éla e Lisbôa, e nesta capital hospedou o famôso doutôr Hieronimus Monetarius que refêre habitar Josse de Hurtere uma grande casa que éra do próprio monárca português.

Martin Behaim, o Martinho de Bohemia dos nossos cronistas, casara com Dôna Joâna de Macêdo, filha do de Hurtere e de Dôna Biatris. Estáva em situação de sabêr como fôram parar ás mãos do sôgro as Ilhas do Fayal e do Pico.

Fasendo as afirmações que o seu glôbo contém, ou mentiu ou falou verdade.

Até êste momento não nos podêmos pronunciar quér num sentido, quér noutro, por falta de elementos, tanto máis que desapareceu a carta de donatário passada a Josse de Hurtere.

Seu bisnéto, Jerónimo de Utra Côrte-Real, em demanda contra a corôa, juntou éssa carta ás suas alegações.

Mas não se encontra tal procêsso, que se arrastou pelos tribunais durante algúmas desênas de anos, até Jerónimo de Utra finalmente alcançar revista e com éla vencêr o pleito.

Éssa carta justificaria ou não Behaim e vêr-se-ia o papél que representou a Infanta-Duquêsa, na história da colonisação, por que senhorio passáram as Ilhas Açoriânas e as condições com que assumiu a donataria Josse de Hurtere, que, diga-se de passagem, era panadeiro-mór ou saquiteiro da filha de D. João I (segundo Frei Diôgo das Chagas).

Nóte-se que sendo costúme copiar, na carta de um donatário a do sêu antecessôr, quando a expedíram ao 2.<sup>o</sup> Josse de Hurtere, faltáram áquêla praxe.

*Latet anguis*, ao que parêce.

Seria por se referirem circunstâncias que deixássem mal

parados os direitos de Portugal aos Açôres, e especialmente ao Fayal e Pico?

Dá que pensar têr feito a Infanta-Duquêsa, á sua custa, embarcar colônos flamengos com destino á donataria de Josse de Hurtere, e fornecê-los de sementes e utensílios, pedindo-lhes, em trôca, que resássem, por sua intenção, uma *Ave-Maria*!

Véu bastante denso cóbre a jenése ou os antecedentes désta colonisação dos naturáis de Flandres. Apênas lhe levanta uma parte Martin Behaim.

Não parece proposítado não se rejistar a carta de donatário de Josse de Hurtere, como se fasia ás demáis e não a transcrevêrem na do filho, quando o empossáram, e que éra de uso e costúme?

Éstas omissões não serão a próva cabal de que Behaim escreveu uma verdáde, no seu *Glóbo*?

Oxalá que as dúvidas apontadas, as nóssas suspeitas ou desconfianças, estimúlem algúm estudiôso e o lévem a encontrar soluções documentádas que esclareçam o problêma histórico em que tocâmos, que não deixa de sêr interessante e de despertar a curiosidade.

(Continúa)

A. FERREIRA DE SERPA.

## ACTA N.º 55

Sessão de Assembleia Geral da Associação dos Archeologos Portuguezes de 6 de Janeiro de 1911.

Sob a presidencia do sr. Rosendo Carvalheira secretariado pelo sr. Gustavo de Mattos Sequeira e J. Rodrigues Fernandes foi aberta a sessão pelas 9 horas da noite sendo lida e approvada a acta da sessão anterior, retirando depois o sr. Mattos Sequeira, sendo substituido pelo sr. Jacintho de Albuquerque Bettencourt.

Estavam presentes, além da mesa, os srs. Affonso d'Ornellas, dr. Arthur Lamas, Jacintho Bettencourt, Nogueira de Brito, Jesuino Ganhado, D. José Pessanha e José Queiroz.

O sr. presidente disse que a ordem da noite era destinada á eleição de presidente, vice-presidente e um vogal da direcção, e para isso suspendia a sessão por cinco minutos para cada um formular a sua lista.

Reaberta, a sessão, procedeu-se á votação, entrando na urna 10 listas cujo resultado foi o seguinte :

Presidente, sr. D. José da Silva Pessanha, 9 votos; vice-presidente, sr. Eduardo A. da Rocha Dias, 10 votos e vogal sr. Francisco Soares O'Sullivan, 10 votos. Teve 1 voto para presidente o sr. Gabriel Pereira. Serviram de escrutinadores os srs. Cysneiros d'Ornellas e Luiz Philippe d'Albuquerque Bettencourt.

Em seguida o sr. presidente proclamou os mais votados para os respectivos cargos, dando depois a palavra ao sr. D. José Pessanha que agradeceu a sua eleição, acrescentando que fôra mal escolhido, pois não tinha competencia para desempenhar cabalmente aquelle cargo.

O sr. presidente diz que não está d'accordo com as palavras do sr. D. José Pessanha, pois não considera ninguem mais competente que sua ex.<sup>a</sup> para o bom desempenho desse cargo. No seu entender era uma segura garantia para a collectividade, ter á testa da direcção o nome de D. José Pessanha, cujos predicados e dotes de intelligencia seria inutil enaltecer, por serem do conhecimento de todos os que o ouviam. Estava muito bem eleito e onde por todos os motivos ficava muito bem.

Depois o sr. presidente referio-se á morte de Costa Goodolphim, que fôra um dos mais assíduos e prestantes socios dos Archeologos, ha tempo porém afastado por causa da sua doença e de se ter consagrado mais nos ultimos annos ao movimento sociologico, pois foi sob este ponto de vista que elle mais se distinguira, não obstante ser um cultor de archeologia muito apreciado. Fazendo ainda varias considerações sobre o illustre morto e ex socio, propoz que se lançasse na acta um voto de profundo sentimento e que delle se dêsse conhecimento á familia.

O sr. D. José Pessanha associa-se em nome da direcção a esse voto, accrescentando que já tinha procurado o sobrinho do extincto e manifestado-lhe o seu pezar.

O sr. Mêna Junior lembrou numa carta, para que fosse aggregado á commissão de homenagem a Sousa Viterbo o sr. dr. Alfredo da Cunha, sendo esta proposta approvada por unanimidade.

Depois o sr. Carvalheira diz que para aproveitar o tempo deseja trocar impressões sobre a orientação a dar aos trabalhos da Associação que considera importantes, muito mais no presente momento historico, entendendo que todo esse trabalho deve obedecer a um trabalho patriotico e que dê honra á Associação.

Referindo-se á secção de heraldica pediu para que ella se occupasse do catalogo dos escudos, pois que muito tem ahi a fazer sendo dum valor historico por todos reconhecido e duma tal importancia que nem se discute. Na secção de numismatica igual trabalho tambem se necessita e para isso lá tem um dos consocios mais distinctos sobre o assumpto para delle se occupar. Eguamente sobre ceramica não falta competencia a um nosso consocio presente.

Ora parecia-lhe que todos juntos poderiam ir formando a pouco e pouco esse catalogo e assim dariam razão ao sr. Jacintho de Bettencourt que tanto se tem preocupado para que haja mais sessões mensaes.

Que não resta a menor duvida ser da maxima conveniencia fazer-se o catalogo como ha em toda a parte.

Era dever seu dizer isto para ver se os espicaçava; do que lhes pedia desculpa, mas que tivessem paciencia, visto ser para o bom nome da Associação.

O sr. Jacintho de Bettencourt concorda perfeitamente com as palavras do sr. presidente, e que se tem fallado para haver mais sessões mensaes é exactamente como diz o sr. Carvalheira para espicçar e para que se dediquem tambem mais alguma cousa aos trabalhos associativos. Informa egualmente que o catalogo de numismatica estava feito e o de heraldica a cargo do sr. Mattos Sequeira estava tambem quasi concluido.

O sr. Luiz de Bettencourt é de opinião que o catalogo não se deve limitar apenas ás pedras brazonadas existentes no Museu, apesar de serem bastantes, mas sim a todas as que se acham espalhadas pelo paiz, adquirindo se photographias de todas ellas. Assim é que entendia fazer-se o catalogo. As que ali não estivessem, ter-se-iam as photographias que as representassem e serviriam tambem de estudo; o que lhe parecia ser uma boa e util medida.

Sobre o assumpto fallou tambem o sr. Nogueira de Brito dizendo, que o catalogo só se deve fazer do que existir no Museu e a elle se restringir e do que houver a mais se aproveitará para formar o album dos brazões portuguezes.

O sr. José Queiroz ficou encarregado com um voto de confiança de consultar o illustre escriptor sr. Braamcamp Freire se teria duvida em fazer parte da nossa associação, onde seria recebido por todos com summo enthusiasmo.

Tratou-se tambem da publicação do *Boletim*, que já se encontra bastante atrazada.

O sr. Presidente voltando ao assumpto—brazões—, diz que a secção de heraldica tem agora um alto papel a desempenhar. A sua importancia é capital, e muito mais do que nunca. E' necessario que não desapareçam brazões, que são documentos indispensaveis para a historia que ha a fazer e neste momento facil será a alguns inconscientes destruir essas reliquias do passado.

Tornava por isso a chamar a attenção de todos os que fazem parte dessa secção, para que envidem todos os seus esforços de modo a que se consiga o que se deseja.

O sr. José Queiroz informa que o ministro Marianno de Carvalho fez uma lei para que todas as casas que tivessem brazões, pagassem uma licença ou contribuição de 100000 rs. annuaes. Ora succedeu o que era de esperar. Quem tinha caças onde haviam brazões e que não lhe pertenciam, para não pagar, mandava-os

picar, e assim todos estes brazões, que foram muitos, desapareceram, o que é devéras para lamentar.

O sr. Presidente, referindo-se á interessante e instructiva conferencia do illustre consocio sr. Santos Ferreira sobre a côr da bandeira e sua historia, que em nome da associacão fez na Sociedade de Geographia, deseja que este factio fique aqui registado e que na acta se consigne um voto de louvor.

E' todo o seu desejo e para isso faz um appello a cada uma das secções para catalogar o que houver no Muzeu e que lhe diga respeito, e isso o mais depressa possivel.

O sr. dr. Lamas propõe para que se lançasse na acta um voto de sentimento pela morte do cunhado do sr. Vargas e que delle se lhe dêsse conhecimento, o que foi approvedo.

O sr. dr. Lamas offereceu tambem para a bibliotheca dois folhetos de que é auctor, intitulados: *Medalha do Cardeal D. Jorge da Costa* e *Le Sejour à Lisbonne de Charles Wiener*, agradecendo o sr. Presidente este interessante trabalho do nosso illustre consocio.

Rodrigues Fernandes chamou a attenção para uma noticia publicada no *Liberal* sobre a capella da Universidade que, segundo as informações por elle colhidas, estava transformada em deposito de madeira.

Se assim fosse, não podia deixar de protestar contra esse factio, porque a capella da Universidade, como todos sabem, tem trabalhos dignos do maior apreço e de serem respeitados.

Em seguida o sr. Presidente levantou a sessão. Eram 11 <sup>3</sup>/<sub>4</sub>.

O Secretario,

J. RODRIGUES FERNANDES.

## ACTA N.º 56

Sessão de 23 de Janeiro de 1911.

Presidente — Rosendo Carvalheira.

Secretario — Rodrigues Fernandes.

Foi aberta a sessão ás 9 horas e meia da noite, estando presentes, além da mesa, os seguintes socios srs. D. José Pessanha, Ornellas Cisneiros, Luiz Bettencourt, Jacintho Bettencourt, Jesuino Ganhado e Rocha Dias e depois de lida a acta da sessão anterior e de aprovada, passou-se ao expediente.

Seguidamente foi lançado na acta um voto de sentimento pela morte do illustre socio sr. J. V. Mendes Guerreiro, fazendo o seu elogio, por parte da meza da Assembleia, o sr. Carvalheira, e por parte da direcção, o sr. D. José Pessanha.

Passou-se depois á eleição de 2 membros, para a Commissão Revisora de Contas, em substituição dos srs. Rocha Dias e O' Sulivand, eleitos ultimamente para as vagas occorridas na direcção, sendo eleitos os srs. Ascensão Valdez e Victor Ribeiro.

Depois o sr. Rocha Dias agradeceu á Assembleia a sua eleição para a vice-presidencia da direcção, sendo a seguir, por não haver mais assumpto a tratar, encerrada a sessão.

O Secretário

JOÃO RODRIGUES FERNANDES.

## ACTA N.º 57

Sessão em 31 de Janeiro de 1911.

Presidente: o Vice-Presidente—Rosendo Carvalheira.

Secretario — G. Mattos Sequeira.

» — Rodrigues Fernandes.

Foi aberta a sessão ás 10 horas da noite, estando presentes alem da mesa, os socios srs. D. José Pessanha, Julio Ferreira, No-

gueira de Brito, Luiz Bettencourt e Ornellas Cisneiros e depois de lida a acta passou-se á leitura do expediente, que constou dos documentos seguintes :

1.<sup>o</sup> — Officio do sr. Conde de Sabugosa agradecendo o voto de sentimento lançado na acta da antepenultima sessão pelo falecimento de sua mãe.

2.<sup>o</sup> — Officio da direcção geral de instrucção. remetendo os impressos-convites para o concurso para a erecção do monumento commemorativo da fundação da União Telegrafica em Berne. Sobre este assumpto deliberou a Assembleia que se agradecesse o convite.

Seguidamente procede o sr. Rodrigues Fernandes, relator, á leitura do Relatorio da Direcção e depois á do relatorio do sr. thesoureiro, cuja ausencia por motivo de doença é justificada pelo sr. D. José Pessanha. Lidos estes dois documentos, iniciou-se a leitura do relatorio da Commissão Revisora de Contas, sendo approvados todos tres, por unanimidade de votos da Assembleia.

Depois o sr. Carvalheira, presidente da Assembleia, em seguida a ter elogiado a Direcção e o seu thesoureiro, propoz se lançassem na acta votos de louvor pelas diligencias empregadas e pelo zelo demonstrado na direcção e administração desta colectividade, votos que a Assembleia aprovou por unanimidade.

O sr. D. José Pessanha, pedindo a palavra, agradeceu o voto de louvor á Direcção e communica á Assembleia os transees dificeis por que passou essa corporação, a dificuldade de se reunir por falta, embora muitas vezes justificada, dos seus membros e por outros motivos. Sente que os resultados obtidos não correspondessem aos seus desejos e faz votos para que o anno novo seja mais prospero para a Associação.

Preenchida a parte official da sessão pediu a palavra o sr. J. A. Ferreira, para communicar á Assembleia o estado vergonhoso em que se encontra a fachada da igreja da Conceição Velha e para o perigo constante em que se acha a artistica imagem de N. S. da Conceição, de Machado de Castro, exposta ao culto no altar mór daquelle templo. — Seguidamente ha outra communicação feita pelo signatario desta, do vandalismo perpetrado em Sobral de Mont'Agração na destruição do pelourinho daquella villa, sobre que a Assembleia deliberou officiar á respectiva Camara Municipal

pedindo a sua conservação no primitivo local. Trocaram-se impressões acêrca da proxima e annunciada separação da Igreja do Estado e sobre o destino a dar ás alfaias, paramentos e imagens artisticas que se encontram nas casas religiosas e templos do paiz, falando sobre o assumpto principalmente os srs. Carvalheira e D. José Pessanha; e não havendo mais assumptos a tratar foi encerrada a sessão ás 11 horas e 12 minutos da noite.

O Secretario

GUSTAVO DE MATTOS SEQUEIRA.

---

### ACTA N.º 58

Sessão de Assembleia Geral de 8 de Março de 1911.

Presidente — Adolpho Loureiro.

Secretario — Mattos Sequeira.

» — Adães Bermudes.

Foi aberta a sessão ás 9 horas da noite, estando presentes além da mesa os dignos socios srs. Arthur Lamas, Ferreira Lima, J. A. Ferreira, D. José Pessanha, Ferreira Braga, Luiz Bettencourt, Nogueira de Brito, Jacintho Bettencourt, Ornellas Cisneiros, Redrigues Fernandes, Jesuino Ganhado, Rocha Dias e Santos Ferreira, e depois de lida a acta da sessão anterior, que foi aprovada, passou-se á leitura do expediente que consta dos documentos seguintes :

1.º — Carta do nosso consocio Ernesto da Silva, justificando a sua falta.

2.º — Officio da Camara Municipal do Sobral de Mont'Agraço, respondendo áquelle em que solicitavamos a reposição do pelourinho da villa, e em que declarava não se poder realisar esse desejo, por o pelourinho ter ficado completamente destruido, por occasião da revolução de cinco de outubro.

3.º — Officio de agradecimento da esposa e filha do nosso chorado consocio Dr. Sousa Viterbo, pelas manifestações de pesar expressas pela Assembleia Geral, na ultima sessão; e

4.º — Carta de um anonimo solicitando a nossa attenção para um monumento existente no pateo do palacio do Conde de Pombeiro, e que ha pouco fôra apeiado, por ordem dos actuaes donos do edificio. Sobre este assumpto, resolveu a Assembleia não intervir, visto que tal monumento nenhum valor artistico possui, nem tão pouco importancia historica que mereça os cuidados da associação.

Seguidamente o sr. Presidente, pedindo desculpa á assembleia de não ter podido assistir ás ultimas sessões, agradece mais uma vez as provas de deferencia que de todos tem recebido, agradecendo á mesa da Assembleia Geral, especialmente ao seu Vice-Presidente, Rosendo Carvalheira, todo o trabalho que tem tido em o substituir. Aproveita a occasião para frisar o seu muito respeito e admiração pela memoria dos socios fallecidos, Sousa Viterbo e Mendes Guerreiro, de quem faz um breve elogio, enaltecendo a obra de ambos. Para a commemoração a fazer ao primeiro destes socios, nomeou-se uma commissão que tem reunido periodicamente e cujos trabalhos vão adiantados, mercê da boa vontade dos seus membros e do auxilio que em parte têm achado de parte dos ministros do Governo Provisorio. Aproveitando estar no uso da palavra, pede licença á Assembleia para propor para socio correspondente o sr. A. A. Vorsterman Van Oyen, Director do Archivo Genealogico e Heraldico da Haya, sendo egualmente proposto para a mesma classe de socio pelo sr. Jacintho Bettencourt o sr. René Droz, auctor de varios trabalhos de Heraldica.

Depois do sr. Presidente dar ainda á Assembleia algumas explicações sobre a publicação do nosso boletim, foi encerrada a sessão ás dez horas e dez minutos da noite.

O Secretario

G. DE MATTOS SEQUEIRA.

## Relatorio da Direcção

SENHORES E CONSOCIOS :

Determinam os nossos estatutos que a Direcção se apresente perante a assembleia geral, nos ultimos dez dias do mez de janeiro, para, em sessão administrativa, apresentar o seu relatorio annual.

Vimos hoje cumprir esse preceito estatutario, conscios do pouco que fizemos para merecer o vosso applauso e para bem cumprir o nosso dever.

Factores de varia ordem, e não sómente a inacção forçada da direcção, concorreram para o minguido producto do seu trabalho.

As direcções, ainda mesmo quando animadas dos melhores desejos de serem uteis e de corresponderem á confiança nellas depositada, desanimam a miudo, quando a força collectiva as não acompanha e incita, ou quando aos periodos de entusiasmo succedem quadras de estagnação.

Ora, a associação vem já ha annos atravessando uma dessas quadras de que ainda se não libertou por completo.

Ninguem ignora tambem que as mesmas causas produzem os mesmos effeitos, e nós constatamos que essas causas ainda infelizmente se não modificaram por completo; assim, a estagnação da vida associativa, não diremos que se accentuou durante o anno findo, mas, pelo menos, as melhorias foram poucas.

A anormalidade dos tempos que decorreram, a instabilidade constante que houve na direcção superior do Estado, a successão quasi vertiginosa das situações, a preocupação quasi absorvente dos problemas politicos, a indecisão e a incerteza como caracteristico da quadra profundamente perturbadora que o paiz atra-

vessou, o imprevisito das situações empolgando a vida nacional, talvez concorresse tambem para a nossa esterilidade.

A não ser que os phenomenos cosmicos e sideraes que mais uma vez se repetiram em 1910, e que, segundo a tradição e crença popular, são sempre precursores de grandes catastrophes e perturbações terrestres, influissem tambem no nosso organismo associativo, onde, durante o anno, houve apenas uma unica palestra, que só por si bastou, é certo, para que a associação continue a occupar o lugar de destaque em que é tida, não podemos deixar de dizer que este abandono da parte de todos é uma falta imperdoavel.

Pelos motivos que succintamente apontamos e tambem pelo da nossa pouca pratica e treno na administração e gerencia dos negocios e interesses associativos, a nossa acção limitou-se quasi exclusivamente á parte administrativa.

Dando, como era nosso dever, cumprimento integral a todos os compromissos associativos, nós julgamos tambem satisfazer, senão com brilho, que a tanto não aspiramos, pelo menos com honra, a nossa espinhosa e difficil missão, num periodo de desasocego e inquietações, como foi o anno de 1910.

Por isso, não é caso para desanimo.

Mál seria da collectividade que, por um anno de labuta improficua, esmorecesse.

E, antes de terminarmos, senhores, permiti-nos que, confiados na vossa dedicação, vos dirijamos um fervoroso appello para que se repitam as palestras associativas, que tão uteis são á sciencia e á historia da humanidade.

---

Como dissemos, a nossa esterilidade foi manifesta, concorrendo para isso não só os acontecimentos que são do dominio de todos, mas tambem causas internas.

Uma dessas causas foi o não ter podido acompanhar-nos, por falta de saude, o nosso presado amigo e illustrado consocio snr. Victor Ribeiro, o que devéras sentimos e lamentamos, pois da sua collaboração e bom conselho muito teriamos a lucrar. Ainda se addiou a sua substituição, mas debalde, porque o seu

estado de saúde não permittiu que tão distincto consocio entrasse na actividade.

O snr. conde de Sabugosa desde o começo nos declarou que não podiamos contar com a sua assiduidade e apenas com a sua boa vontade, pois as suas obrigações o inhiábiam de frequentar a associação. O illustre academico teria sido um elemento inapreciavel para a collectividade, pelo seu saber e valôr; mas não nos poude acompanhar, e, ultimamente, por causa dos acontecimentos politicos, demittiu-se de socio, não só da nossa, mas de todas as associações a que pertencia, o que pela nossa parte muito sentimos.

A falta de saúde do nosso presado collega snr. Ernêsto da Silva tambem o teve por muitos mezes afastado da associação, desgostando-nos muito a ausencia de tão dedicado e leal camarada.

Accrescente-se ainda a saída inexplicavel do nosso collega Silva Leal, com quem sempre trabalhámos em completa harmonia e boa camaradagem. Assiduo, trabalhador e activo, foi com bastante pena que perdemos a sua distincta e valiosa collaboração.

Mas ainda não enumerámos todas as contrariedades que nos assaltaram. O snr. Mêna Junior tambem por motivo de falta de saúde não quiz acceitar o cargo de vogal para que, em substituição do snr. Silva Leal, tinha sido eleito. Foi mais um elemento de valor que perdemos.

Por tudo isto a direcção muitas vezes se não podia reunir e deliberação alguma se podia tomar.

Tendo ultimamente entrado para as vagas de vice-presidente, secretario e vogal os snrs. Rocha Dias, Julio Ferreira e F. Soares O' Sullivand, cujas aptidões e amor pela associação de todos são conhecidos, esperamos que o futuro anno seja mais fertil.

Tivemos a nossa primeira sessão de installação e posse em 3 de dezembro de 1909.

Foram distribuidos a todos os socios novos bilhetes de identidade.

A convite da commissão executiva do centenario do eminente escriptor Alexandre Herculano, foram nomeados delegados a essa commissão os snrs. Rosendo Carvalheira e Victor Ribeiro, fazendo-se tambem a associação representar no grandioso cortejo que

do Terreiro do Paço se dirigiu aos Jeronymos, publicando-se por essa occasião um numero especial do Boletim commemorando esta gloriosa data.

As obras requisitadas para a consolidação dos arcos já se acham em execução.

A pedido da direcção os snrs. conservadores deram outra disposição aos objectos expostos na sala das sessões, retirando tambem alguns.

Ao Congresso Nacional foram nomeados delegados os snrs. Rosendo Carvalheira e Victor Ribeiro, que apresentaram uma interessante e valiosa monographia.

Para commemorar a data do centenario da Guerra Peninsular estiveram expostas ao publico as salas do Museu.

Com respeito á medalha distinctivo, ainda nada se resolveu por motivo de o cunho custar 250000 réis e á associação faltarem recursos.

Quanto ao diploma, está encarregado o nosso illustre consocio F. Soares O' Sullivand de apresentar o desenho.

Acham-se ainda, como vêdes, estes dois assumptos pendentes e por isso chamamos para elles a vossa esclarecida attenção.

No cumprimento de um dever, foi a associação cumprimentar o sr. dr. Theophilo Braga, chefe do governo provisorio da republica, entregando-lhe n'essa occasião uma mensagem, conforme fôra deliberado em assembleia geral.

O chefe do governo prometeu toda a sua boa vontade e apoio em favor de tão util instituição, referindo-se com palavras de elogio aos serviços por ella prestados á historia e á archeologia, e á forma elevada e intelligente como tem sabido desempenhar a sua alta e patriotica missão

Quer a fatalidade que todos os annos se carregue de luto uma parte do nosso relatorio, mencionando a perda de consocios illustres e queridos, de trabalhadores deste pequeno exercito que

compõe a nossa associação, pequeno pelo numero, mas grande pela nobreza das suas intenções e pela obra civilisadora a que se dedica.

Foram cinco os que este anno deixaram de pertencer ao numero dos vivos, produzindo nas nossas fileiras um vacuo profundo que nunca se preencherá, porque, se é facil substituir corpos, não é facil substituir cerebros pensantes que teem o seu *eu* proprio e inconfundivel.

Quil-o o destino! Não, ordenou-o a Natureza, que cousa alguma permite immorredoira, na sua grande obra de ininterrupta transformação, na sua marcha continuada do eterno desconhecido para o eterno desconhecido!

Felizmente que deixa o recurso de pranteal-os e a saudade para não esquecel-os.

Foram elles, Rocha Peixoto, Santos Rocha, Zepherino Brandão, Conde de Valenças, Costa Goodolphim e Souza Viterbo.

Rocha Peixoto e Santos Rocha dois cultores distinctissimos da archeologia, têm os seus nomes para sempre ligados, o primeiro ao muzeu municipal do Porto e á importantissima Revista *Portugalia*, cuja suspensão foi motivo de sincero pezar para todos os que se dedicam á archeologia e á ethnographia; o segundo, á Sociedade Archeologica Santos Rocha e ao muzeu Municipal da Figueira da Foz.

Zepherino Brandão foi não só homem de letras primoroso, mas ainda historiador e archeologo, tendo-lhe merecido especial interesse os monumentos da historica cidade de Santarem, aos quaes consagrou um bello livro.

Conde de Valenças — jurisconsulto, orador e homem de letras, dedicou-se tambem á historia e archeologia e por isso acompanhou com interesse durante muitos annos os trabalhos desta associação.

Souza Viterbo — socio benemerito e laureado com a medalha de honra, foi sem contestação um dos mais perseverantes escavadores do nosso passado. A sua vastissima obra é uma irrefragavel demonstração do seu amor aos estudos de historia e archeologia patria.

Costa Goodolphim, embora mais conhecido como distincto e apaixonado cultor das sciencias economicas, dedicou-se tambem á

litteratura e á archeologia. Antes que a doença o condemnasse ao isolamento, era dos socios mais assiduos, usando frequentemente da palavra, ao debaterem-se os assumptos scientificos que fazem o objecto das nossas sessões de estudo.

Não podemos deixar de consignar aqui tambem o desgosto por que passou o nosso venerando consocio e illustre presidente da Commissão Revisora de Contas sr. Visconde da Torre da Murta, com a perda do seu estremecido filho. Acompanhando S. Ex.<sup>a</sup> na sua dôr, apresentamos-lhe o nosso profundo pesar.

Em compensação bastantes socios se inscreveram durante o anno findo; e, a julgar pelos predicados de intelligencia e trabalho que os distinguem e pelo enthusiasmo que teem revelado, pode affirmar-se que todos hão de contribuir para que esta collectividade continue a honrar a sua brilhantissima tradição, a corresponder aos intuitos do seu benemerito fundador e a desempenhar com galhardia a missão civilisadora que lhe cabe.

Lisboa, edificio historico do Carmo, em 27 de Janeiro de 1911.

*D. José Pessanha.*

*Julio Augusto Ferreira.*

*Jesuino A. Ganhado.*

*Ernesto da Silva.*

*J. Rodrigues Fernandes — Relator.*

## **Parecer da Commissão Revisora de Contas**

Ex.<sup>mo</sup> Senhôr — Cumprindo o honroso encargo que a Associação nos confiou em sessão de 23 do presente, elegendo-nos para a Commissão Revisora de Contas, vimos apresentar á apreciação da Assembléa Geral o resultado do nosso exame, o qual facil se nos tornou, visto o bom methodo e clareza da escripta

das contas e disposição dos documentos a ellas relativos, trabalho, que muito honra o nosso Consocio Thesoureiro Senhor Ernesto da Silva, para quem propomos, que se consigne na respectiva acta da approvação destas contas, um voto de louvor.

Analysando as verbas relativas á receita desde o 1.º de janeiro até 31 de dezembro de 1910, encontramos ter sido de 553\$250 réis que junta ao saldo existente em 31 de dezembro de 1909 perfaz o total de 910\$477 réis.

Passando ao exame das despezas foram ellas na importancia de 524\$336 réis, resultando ficar em cofre o saldo para 1911 de 386\$141 réis.

A Commissão ousa chamar á attenção da Esclarecida Assembléa Geral para a circumstancia muito attendivel da diminuta receita proveniente das quotas dos Senhores Socios, pois que no anno findo de 1910 só se receberam 255\$000 réis, tendo sido a despeza geral de todos os encargos da Associação 524\$336 réis.

O saldo de 357\$227 réis do anno de 1909 podia ter sido em parte absorvido se não fosse a receita das entradas no Museu, as quaes renderam em 1910 a quantia de 282\$500 réis: isto nos dá dupla satisfação, a primeira como auxilio muito valioso para o nosso estado financeiro, a segunda porque patenteia o interesse do Publico visitando as historicas ruinas do edificio do Carmo e os objectos archeologicos expostos.

Sala das sessões no Museu do Carmo, em 30 de janeiro de 1911.

Ex.<sup>mo</sup> Senhor Presidente da Assembléa Geral da Associação dos Archeologos Portuguezes.

*João Carlos Infante de Sequeira Corrêa da Silva (Torre da Murta).*

*Victor Ribeiro.*

*José Joaquim d'Ascensão Valdez, Relator.*

Publicações entradas na Bibliotheca da Associação dos Archeologos Portuguezes,  
desde 1 de Janeiro a 31 de Março de 1911,  
que se agradecem com o devido reconhecimento

- 
- 1 Additamentos á Memoria Genealogica e Biographica sobre Marinhos Falcões e respectivas apostillas—com documentos sobre Marinhos, Marinhos Falcões e Malheiros—por Antonio Marinho Falcão de Castro de Moraes Roriz-Porto)—Imp. Nacional, Jayme Vasconcellos—1910—1 vol broc. 26,5×20—Offerta com dedicatoria autographa do sr. José Augusto Carneiro—nosso illustre Consocio.
  - 2 Analitica do quinto anno—Caderno da Aula do sr. Marcelino Pinto—Manuscripto do seculo XVIII—1 vol. br. 21×15. Offerta do nosso Bibliothecario.
  - 3 Antiguidades prehistoricas do Concelho da Figueira—Memoria offerecida ao Instituto de Coimbra—por Antonio dos Santos Rocha—1.<sup>a</sup>, 2.<sup>a</sup>, 3.<sup>a</sup> e 4.<sup>o</sup> parte—Coimbra—Imprensa da Universidade 1888 a 1900—Ilustradas—30,5×21. Offerta com ex-libris e dedicatoria autographa do sr. general Adolpho Ferreira de Loureiro, nosso illustre Presidente.
  - 4 Apostillas á Memoria Genealogica e Biographica sobre Marinhos e Falcões—por José Machado—Braga—1905—1 folheto br. Adquirido por compra.
  - 5 Asylo dos Invalidos Militares da Princeza do Brazil D. Maria Benedita—1 estampa—38×25—Typ. Annuario Commercial,  
A Epopéa da Restauração de Portugal—Batalha triumphal e ultima, de Montes Claros, em 17 de Junho de 1665—1 estampa—24×32—Typ. Annuario Commercial.  
Restauração de Portugal, em 1 de Dezembro de 1640—Collecção de 21 postaes illustrados. Offertas do sr. major Augusto Carlos de Sousa Escrivanis, illustre governador da praça de Cascaes.
  - 6 Catalogo chronologico, histórico, genealogico e critico das Rainhas de Portugal e seus filhos—Ordenado por D. José Barbosa—Lisboa Occidental—Na offic. de Joseph Antonio da Silva—1727—1 vol. ill. e enc.—27,5×20—Offerta do sr. Mattos Sequeira, nosso illustre Consocio.
  - 7 Compendio das épocas e successos mais illustres da Historia Geral—por Antonio Pereira de Figueiredo—Segunda impressão—Lisboa—Typ. da Academia Real das Sciencias—1800—1 volume—15×10. Offerta do nosso Bibliothecario.
  - 8 Contra-minutas de agravo de João Ferreira Franco Pinto Castello Branco—Em resposta aos agravos do Ministerio Publico sobre sua pronuncia—Supremo Tribunal de Justiça—Seguidos dos respectivos accordãos proferidos do Supremo Tribunal de Justiça sobre os mesmos agravos—Lisboa—Typ. da Liv. Féris—1911—1 folh.—31×21,5. Offerta do sr. Manuel Luiz Paes.
  - 9 Der Runenstein von Rök—in Ostergötland, Schweden—nach dem Tode des Verfassers Herausgegeben von H. Akademie der Schönen Wissenschaften Geschichte und Altertumskunde—Sophns Bugge—Durch Maguns Olsen—unter Milwirkung und mit Beiträgen von Axel Olrik und Erik Brate—Stokohn—1910—1 vol. br. e ill.—24×15,5.
  - 10 Diccionario Aristocratico—Offerecido a Innocencio Francisco da Silva—por A. R. S. B. F. (Sanches de Baena Farinha)—Lisboa—Typ. do Panorama—1867—1 vol. br.—20,5×14. Offerta do sr. Gustavo de Sequeira, nosso illustre Consocio.

- 11 Elementos para um projecto de reforma politica e administrativa—propostos pela Academia de Sciencias de Portugal—Lisboa—Imp. Africana—1911—1 folh.—16,5×11. Offerta do nosso Bibliothecario.
- 12 Escolas (As) ruraes—por Candido de Figueiredo—Lisboa—Imp. Nacional—1876—1 folh.—18×12. Offerta do nosso Bibliothecario.
- 13 Guia Hygienico do Colono nas terras mais insalubres da Africa Central—por Manuel Ferreira Ribeiro—Lisboa—Typ. E. Nunes & F.<sup>os</sup>—1901—1 vol br.—23×14. Offerta do nosso Bibliothecario.
- 14 Historia do Mosteiro da Vacariça e da Cerca de Bussaco—offerecida ao Instituto de Coimbra—por Antonio Augusto da Costa Simões—Coimbra—Imp. da Universidade—1855—1 folh.—31×21. Offerta com dedicatória autographa do sr. general Adolpho Loureiro, nosso illustre Presidente.
- 15 Medalha do Cardeal D. Jorge da Costa—da collecção organizada por Vasset—por Arthur Lamas—Lisboa—Imp. Nacional—1910—1 folh. illustrado—25×16. Offerta do auctor, nosso illustre Consocio.
- 16 Memoria genealogica e biographica dos tres Tenentes Generaes Leites, da Casa de S. Thomé d'Alfama—com a descripção topographica e historica da villa de Veiros—Primeira Parte—Lisboa—Typ. J. F. de Sampaio—1846—1 vol. ill. e enc.—21×17. Offerta do sr. Mattos Sequeira, nosso illustre Consocio.
- 17 Memorias sobre a antiguidade—Paleaethnologica e Archeologia Historica—por Antonio dos Santos Rocha—Figueira da Foz—Imprensa Lusitana—1894—1 vol. ill. e br.—24×17. Offerta do sr. general Adolpho Ferreira de Loureiro, nosso illustre Presidente.
- 18 Nobiliarchia Portugueza—Tratado da nobreza hereditaria—auctor Antonio de Villas Boas e Sampayo—agora novamente, etc. por Manuel Antonio Monteiro de Campos—Lisboa—1754—1 vol. enc.—21×14,5. Offerta do sr. Mattos Sequeira, nosso illustre Consocio.
- 19 Pão para a bocca—(Origem do Mal)—por Leon Tolstoi—trad. de Affonso Gayó—Lisboa—1911—1 folh.—19,5×12.—Offerta do nosso Bibliothecario.
- 20 Parahyba (A) na Exposição de 1901—Parahyba do Norte—Imp. Official—1909—1 folh. ill.—24,5×17. Offerta do Instituto Historico Geographico Parahybano.
- 21 Pelos suburbios e vizinhanças de Lisboa—por Gabriel Pereira—Porto—Imp. Portugueza—1910—1 vol. br.—19×13. Offerta do auctor, nosso illustre Consocio.
- 22 Pena (A) de morte—por L. F. Marrecas Ferreira—Extracto da Revista das Sciencias Militares—Lisboa—Typ. Estevão Nunes—1911—1 folh.—21,5×15. Offerta da Sociedade da Cruz Vermelha.
- 23 Regime (O) florestal em Serpins—Exposição e critica—por Adriano J. Carvalho—Imp. da Universidade—1911—1 vol. br.—25×15,5. Offerta do auctor.
- 24 Religiões da Lusitania—na parte que principalmente se refere a Portugal—por J. Leite de Vasconcellos—Lisboa—Imp. Nacional—1905—Vol. II—br. e ill.—24,5×16. Offerta do auctor, nosso illustre Consocio.
- 25 Sejour (Le) à Lisbonne de Charles Wiener—par M. Arthur Lamas—Chalon-sur-Saone—Imp. Française et Prientale E. Bertrand—1910—1 folh. ill.—28,5×20. Offerta do auctor, nosso illustre Consocio.
- 26 Sousa Viterbo e a sua obra posthuma—por Victor Ribeiro—Exemplar n.º 4 da tiragem de 14 exemplares—tem dedicatória e autographo do auctor, nosso illustre Consocio, á Commissão encarregada da commemoração a Sousa Viterbo, para ser conservada na Bibliotheca da Associação dos Archeologos Portuguezes—25×17,5, illustrado.

## Secção de Bibliographia e Catalogos

*Nova secção de Catalogos de Bibliothecas e Livrarias, em organisação na Bibliotheca do Carmo:*

- 27 Appendice ao catalogo da importante livraria de José Maria Nepomuceno—Redigido por Francisco Arthur da Silva—(Relação de preços e nomes dos arrematantes)—Lisboa—Typ. da Magdalena, 31—1897—1 fôlh.—23×16  
Offerta do sr. Francisco Arthur da Silva.
- 28 Appendice ao catalogo de uma boa collecção de livros raros, curiosos, e manuscritos de diversas procedencias—(Vendida em leilão em Setembro de 1908)—Relação de preços e nomes dos arrematantes—Redigido por Francisco Arthur da Silva—Lisboa—1898—1 fôlh.—22,5×15,5. Offerta do sr. Francisco Arthur da Silva.
- 29 Catalogo da importante bibliotheca dos Marquezes de Pombal—Obras impressas e manuscriptas, Sciencias, Artes, Historia, Litteratura, Historia da Companhia de Jesus—Edições de primeira raridade. Documentos ineditos e de subido interesse relativos á vida politica do eminente diplomata e estadista **Sebastião José de Carvalho e Mello**, primeiro Marquez de Pombal 1738-1782—Lisboa—Typ. Franco-Portugueza—1888—1 vol. br.—22×15. Offerta do sr. Francisco Arthur da Silva.
- 30 Catalogo da importante livraria que foi do fallecido Dr. Antonio Maria Barbosa, professor da Escola Medico-Cirurgica de Lisboa—1.<sup>a</sup> parte. Sciencias Medicas—2.<sup>a</sup> parte. Miscellanea, Historia, Litteratura, Bellas Lettras, Camoneana, etc.—(Vendida em leilão em Junho de 1893)—Lisboa.—Imp. Lucas & Torres—1893—1 vol. br.—22,5×16. Offerta do sr. Francisco Arthur da Silva.
- 31 Catalogo da importante livraria que foi do fallecido Desembargador da Relação do Porto Manuel Francisco Pereira de Sousa—impressos e manuscritos, edições raras, e collecções curiosas—Lisboa—Typ. Universal—1890—1 vol. br.—21×15. Offerta do sr. Francisco Arthur da Silva
- 32 Catalogo do fallecido distincto bibliographo e bibliophilo, José Maria Nepomuceno—redigido por Luiz Trindade—Livros rarissimos, exemplares unicos—(vendido em leilão em Julho de 1897)—Lisboa—1897—1 vol. br.—22×16. Offerta do sr. Francisco Arthur da Silva.
- 33 Catalogo da livraria do Dr. F. Vieira da Silva Barradas—Obras antigas e modernas, sendo muitas raras e estimadas, sobre Jurisprudencia, Historia, Litteratura, Bellas-Artes, etc.—(vendida em Dezembro de 1875)—Lisboa—Imp. J. G. Sousa Neves—1875—1 fôlh.—18,5×12,5. Offerta do sr. Francisco Arthur da Silva.
- 34 Catalogo da livraria do fallecido Rodrigo José de Lima Felner—(vendida em leilão em Junho de 1878)—1 fôlh.—22,5×16. Offerta do sr. Francisco Arthur da Silva.
- 35 Catalogo de livros antigos e modernos—alguns muito raros e pela maior parte não vulgares e curiosos—(vendidos em leilão em Janeiro de 1891)—Lisboa Typ. Universal—1890—1 fôlh.—22×14. Offerta do sr. Francisco Arthur da Silva.
- 36 Catalogo de uma boa collecção de livros raros, curiosos, e manuscritos de varias procedencias—(Visconde de Castilho—D. Olinda Julia Teixeira Nepomuceno—José Maria de Seita e Sá Junior—José Maria dos Santos Agard—Alfredo Keil—José Ventura Pereira—João Pereira da Silva & F.<sup>os</sup>)—Romances, Historia, Viagens, Litteratura—Lisboa—1898—1 vol. br.—22×15,5. Offerta do sr. Francisco Arthur da Silva.
- 37 Catalogo dos Manuscriptos da Bibliotheca Publica Eborense—Coordenado pelo Bibliothecario Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara—Tomo I—que comprehende a noticia dos codices e papeis relativos ás cousas da America, Africa e Asia—Lisboa—Imp. Nacional—1850—1 vol. br.—29×19. Adquirido por compra.
- 38 Catalogo do Museu Archeologico da Camara Municipal de Elvas—por

- Antonio Thomaz Pires—Lisboa—Imp. Nacional—1901—1 folh. ill.—25×16  
 Offerta da Ex.<sup>ma</sup> Camara Municipal de Elvas.
- 39 Catalogo das obras referentes á Guerra Peninsular—Bibliotheca da Academia das Sciencias de Lisboa—coordenado por Cardoso de Bettencourt—Lisboa—Por ordem e na Typ. da Academia—1910—1 vol. br.—24×17,5. Offerta da Bibliotheca da Academia.
- 40 Catalogo da Secção Agricola da Exposição Industrial Portugueza—1888—Lisboa—Imp. Nacional—1888—1 vol. enc.—22×14.
- 41 Catalogue des livres manuscrits et estampes—Composant la Bibliotheque de feu Mr. le Comte de Lavradio—(vendida em Lisboa, em Maio de 1875, por conta do Banco de Portugal)—Lisboa—Imp. de J. G. Sousa Neves—1875—1 vol. br.—20,5×12,5. Offerta do sr. Francisco Arthur da Silva.
- 42 Relação de livros antigos e modernos—que fazem parte de uma boa livraria—(Condessa de Sabugal e Madame Cotta) Vendidos em leilão em Abril de 1891—1 folh—21×15,5. Offerta do sr. Francisco Arthur da Silva.

**Obras depositadas na Bibliotheca  
 pelo sr. Jacintho de Albuquerque Bettencourt, nosso illustre  
 consocio, com o seu ex-libris**

- 43 Descendance de D. Antonio, Prieur du Crato, XVIII<sup>ème</sup> Roi de Portugal—par A. de Faria—Livourne—Imprimerie Raphael Giusti—1908—1 vol. br.—31,5×22—Deuxième edition—1909—1 folh
- 44 D. Antonio, Prieur de Crato, XVIII<sup>ème</sup> Roi de Portugal—(1534-1595)—(Extraits, Notes et Documents)—par A. de Faria—Tomo I—Milan—Imprimerie Nationale de V. Ramperti—1909—1 val. 32,5×24.  
 Armorial Italiano—1 album.

**Jornaes**

- 45 Primeiro de Janeiro—Leiria Illustrada—Nação (A)—todos por obsequio das respectivas administrações.

**Publicações periodicas**

No ultimo numero do Boletim deste anno daremos a relação de todas as Revistas, Boletins, Relatorios, annuarios e outras publicações periodicas, tanto nacionaes como estrangeiras, que em tão avultado numero honram a nossa Bibliotheca.

Lisboa, Museu do Carmo, 31 de Março de 1911.

JULIO AUGUSTO FERREIRA  
 Bibliothecario